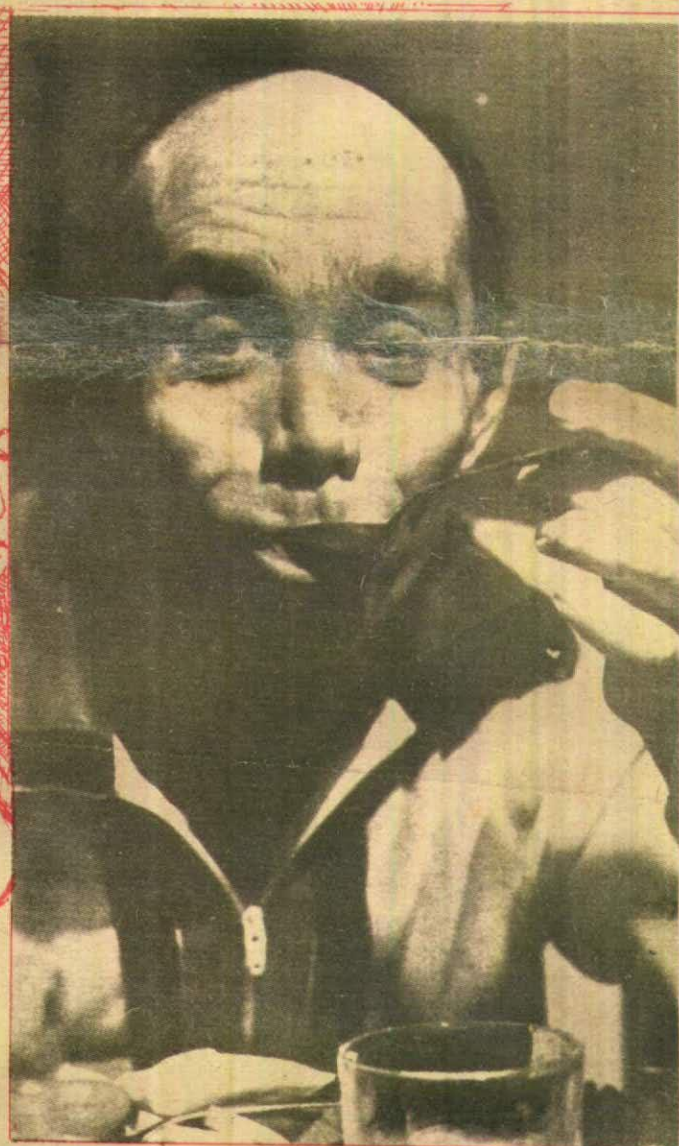
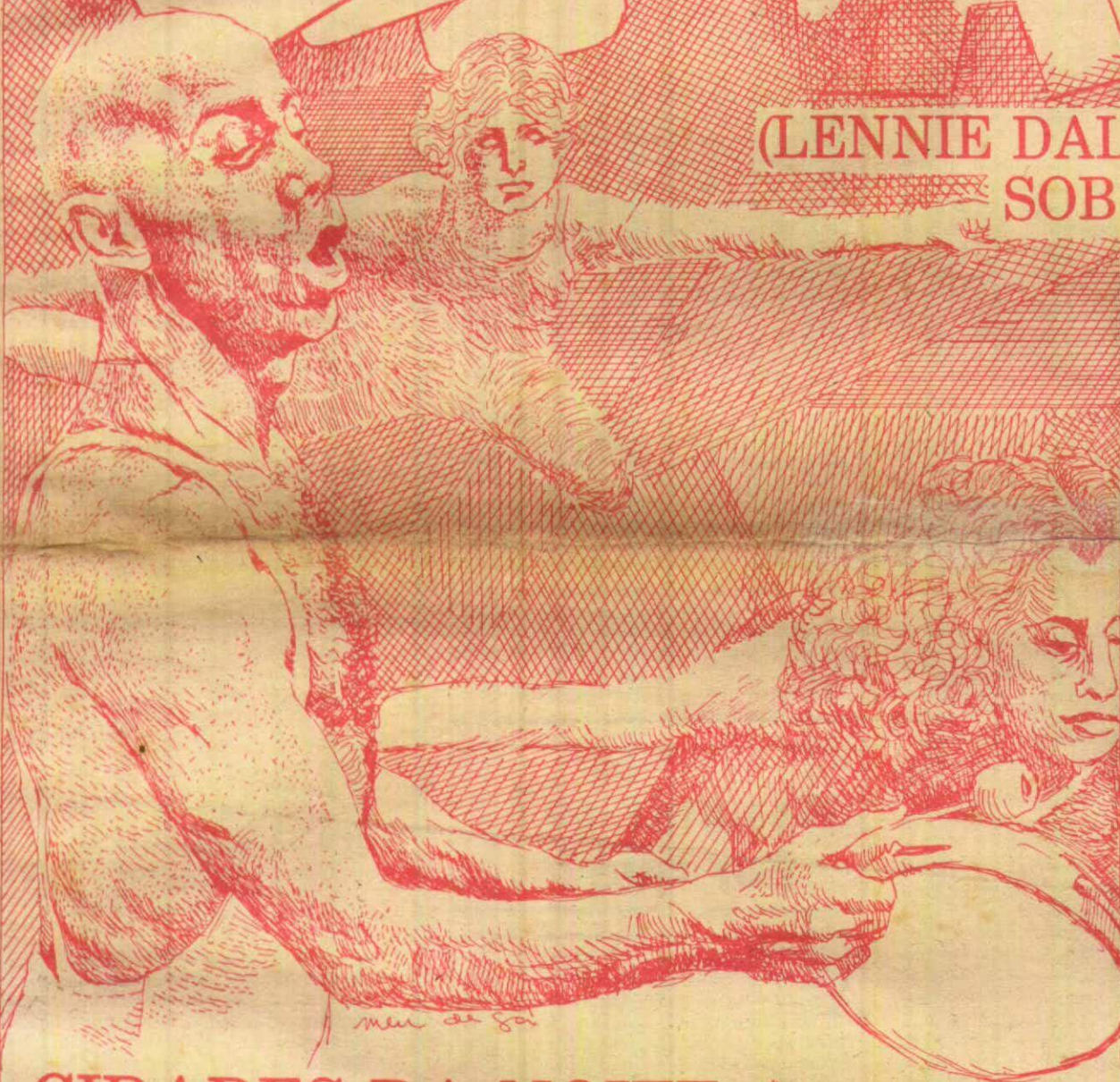
LAMPIÃO da esquina

Ano I – N.º 2 – 25 de junho a 25 de julho de 1978 – Cr$ 15,00

SOU TARADO

(LENNIE DALE CONFESSA, SOB PROTESTOS GERAIS)

CIDADES DA NOITE: BRASÍLIA, PORTO ALEGRE, NITEROÏ

UM INÉDITO DE HARRY LAUS

NO TEATRO PAULISTA SÓ DÁ BONECA

UM VOO RASANTE SÔBRE O NOSSO "PARAISO RACIAL"

E MUITAS CARTAS QUENTÍSSIMAS

LAMPIÃO

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Farnese Andrade, Luís Canabrava (Rio); José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Edward Mac Rae, Mariza (Campinas); Amylton Almeida (Vitória); Glauco Matoso, Celso Cúri, Caio Fernando Abreu, Jairo Ferreira (São Paulo); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Paraíba); Franklin Jorge (Natal).

Correspondentes: Fran Tornabene (Nova Iorque); Allen Young (San Francisco); Armand de Fluviá (Barcelona).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues (Rio), Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Ivan Joaquim e Mem de Sá

Arte Final: Hélio V. Cardoso, Domingos José da Silva

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.

CGC: 29529856/0001-30

Endereço: Caixa Postal 41031, ZC-09 (Santa Teresa), Rio de Janeiro-RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento 189/203 — Rio. Distribuição: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição 65/67, Rio.

Você vai ler no próximo número de LAMPIÃO da Esquina:

Os marginais do cinemão brasileiro. + Um artigo de Zsu Zsu Vieira contra o machismo + Reportagem: a vida sexual dos operários do metrô + Darcy Penteado falando sobre ecologia + As fotos proibidas do futebol + A história da Coligay, a alegre torcida do Grêmio + Um debate: feministas e homossexuais.

Homossexualismo: que coisa é essa?

Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil mas impossível e, com todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações.

Uma doença?

Até alguns anos atrás, a medicina diria sim a esta pergunta, prescrevendo como tratamento, por exemplo, aplicações "dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência", isto é, masculinos para os homens, femininos para as mulheres. Havia também o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletro-choques no órgão genital do paciente. Processos até certo ponto simples, só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente à impotência, não a uma repulsão pelo ato sexual realizado "fora das normas", como era previsto.

A questão não é então hormonal e, se é de origem mental, não pode ser tratada com esse sistema bárbaro de castração psicológica, apesar de que esse tratamento ainda é feito hoje, em certos países. A medicina atual está apoiando, possivelmente com mais acerto mas sempre em passos titubeantes, uma tese de conciliação endócrino psicogênica. Segundo ela, desejo sexual e erotismo dependem, tanto no homem como na mulher, de um grupo de susbtâncias denominadas andrógenos, aos quais os seres humanos reagem com comportamentos masculino ou feminino, conforme a sua maior ou menor atuação.

É possível que o ser humano, em sua origem mais primária tenha sido bissexuado porque os dois órgãos sexuais, masculino e feminino, em suas partes periféricas são dotados de predisposição bissexual. O mesmo deve então acontecer em sua parte central isto é, no cérebro, contendo centros masculinos e femininos responsáveis pelo gênero de atuação sexual. A homossexualidade resultaria então da predominância do centro errado, isto é do sexo oposto. Esta teoria é aceitável mas não deixa de ser discutível, porque se encaixa perfeitamente como definição de transexualismo, mas carece de mais elementos para o homossexualismo, cujo comportamento psíquico difere, sem ser gradativo ou correlacionado com o outro citado.

Essa mesma tese prevê que a menor atuação dos andrógenos nos centros cerebrais poderia ser o ponto de partida, no feto, para um futuro homossexualismo, mas as causas desse "desequilíbrio" precisariam ser investigadas no período pré-natal. É possível então que no futuro se possa reconhecer no recém-nascido (ou detetar no feto) os sintomas dessa "alteração" e adotar medidas de prevenção. De qualquer forma, chama-se isto de "desequilíbrio" ou "anomalia", deverá ser tratado no estado fetal ou na primeira infância, mas mesmo quando essa prevenção seja posta em prática, precisaremos do tempo necessário para a confirmação de resultados e observar os efeitos colaterais, que sempre aparecem e que nem nos cabe agora imaginar quais serão...

Pelo menos, uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerado as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual a viver em mutismo a sua verdade, o circunscritou aos limites do "gueto" da tolerância coletiva. Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser "normal" e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa "normalidade".

Mas... sob o ponto de vista sociológico, será o homossexualismo um mal à sociedade? Os da linha dura do machismo e da desinformação dirão que sim: "são uns imorais", "são desiquilibrados mentais", "são anormais" etc. Mas o que é o normal? Consulto o pequeno Dicionário da Língua Portuguesa: Normalidade __ qualidade em estado de Normal. Normal __ que é segundo a norma. Norma __ regra; modelo; preceito; lei. Recorro então ao padre católico, médico e sociólogo francês Marc Oraison e no seu livro "La question homosexuelle" encontro: "Mas de que lei falamos? ...... Toda cultura é fundada, em efeito, sobre uma certa representação do homem e dos seus relacionamentos com o mundo, e aquele que não se assemelha a essa representação é chamado anormal. Mas essa "lei cultural" é normativa, o mesmo que dizer imperativa: ela obriga a ser "normal" para que o indivíduo encontre seu lugar na cultura em questão".

Neste caso, agora continuo eu, todos os que saem desta bitola estreita, os artistas, os criadores, os imaginosos e talentosos devem ser considerados anormais porque as normas de uma sociedade são ditadas pela ideologia média e as exceções quando muito, são suportadas e raras vezes aceitas.

Como ficamos então, em relação ao homossexualismo? Porque a questão está aqui, agora, palpitante e presente! As rejeições e as desculpas que a nossa sociedade cultural usou anteriormente como estacas de sustentação, estão podres e desmoronando, desde que a medicina e psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação.

Quando Marc Oraison conclue no seu livro que "o homossexualismo é um fato", está a meu ver constatando uma verdade que até agora a sociedade tentou manter adormecida; mas essa constatação é conformista, porque ela apenas estabelece um marco, um limite. E os limites devem ser transpostos, quando a área delimitada não oferece razões e condições de subsistência.

Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu lugar atuante numa sociedade, com o direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância, como foi dada até agora, não obrigado! É muito pouco.

Darcy Penteado

Assumir-se? Por quê?

Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações. Valerá o esforço? Creio que sim. Não pretendo enumerar todos os motivos, mas alguns deles:

1º __ sentirmo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provocada pelo terror de sermos descobertos;

2º — dispensarmo-nos da hipocrisia, de participar do jogo dos outros, do eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-não-vê, via de regra as pessoas simulam ignorar o homossexualismo dos que as rodeiam para, assim, mantê-los sob domínio, para que eles conheçam os seus lugares, não se manifestem, sigam as regras, curvem-se calados, gratos, até, pelo bom tratamento;

3º — impedir a ocorrência de chantagem de parte de indivíduos com quem mantivemos relações sexuais; de repórteres sensacionalistas da imprensa marrom; de companheiros de serviço, enfim, de todo o círculo de criaturas com quem convivemos, até mesmo do círculo familiar, onde às vezes um outro tipo de chantagem ocorre, a chantagem afetiva — talvez a mais terrível de todas — , que, surda, implacável, prenhe de ameaças, traumatiza tanta gente;

4º — fazer com que fiquemos a salvo da necessidade de subornar certos policiais inescrupulosos, que fingem desconhecer que o homossexualismo não é punível na legislação brasileira e procuram submeter-nos a todos os vexames sob ameaça de uma acusação qualquer.

5º — saber que neutralizamos os nossos opressores machistas, porque os privamos de utilizar a única arma de que dispunham contra nós, a ameaça de descobrir-nos, quando, na impossibilidade de acusar-nos de qualquer deslize, utilizavam-se desse recurso para manter-nos amedrontados; obviamente, essa gente nada pode fazer contra um homossexual assumido;

6º — dar, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo; infelizmente não raro jovens se suicidam porque não suportam o estigma imposto pela sociedade;

7º — também pela nossa atitude, ajudar os familiares, que se indignam quando percebem o homossexualismo de um parente, a questionarem a validade da posição de repúdio por eles adotada e a auxiliá-los a darem-se conta dos preconceitos de que são portadores, na medida em que mais e mais homossexuais assumidos impuserem-se, pela qualidade do trabalho, na indústria, comércio, política e outras atividades, haverá maior aceitação por parte dos heterossexuais; o processo já se acha em andamento; não aumentará percentualmente o número de homossexuais, mas provocará uma progressiva queda de máscaras;

8º — sentir que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias sejam respeitados, pois o assumir-se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro e indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente, quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para fazer-se respeitar.

Relacionei certas razões de ordem individual, social e política que me levam a considerar convenientemente o ato de assumir-se. Como decorrência das mesmas, posso enumerar ainda outras, tais como:

9 __ maior auto respeito, pela ausência de sentimento de culpa;

10 __ aumento de segurança, por nos vermos livres de tensões e angústias;

11 __ melhor relacionamento com nossos parentes e amigos, pela maior franqueza;

12 __ possibilidade de plena realização pessoal e profissional, pelo conjunto de condições acima;

Estas, a meu ver, algumas das vantagens. Entretanto nem tudo são flores. Há, de outro lado, muitos e graves inconvenientes. Os opressores machistas não se resignam de bom grado à perda de um trunfo.

Em várias situações, a fúria punitiva é tal que somente cada um de nós, individualmente, acha-se habilitado a decidir quando e como poderá arcar com as conseqüências de uma ostensiva rejeição dos preconceitos dominantes. Apesar de absurdo, o homossexual assumido sujeita-se ao risco de perda de emprego ou de arruinar a carreira profissional e, além disso, de alienar o afeto de criaturas que lhe são caras.

Impossível ressaltar a capital importância dos dois primeiros pontos. O terceiro, porém, parece-me irrelevante. Em meu entender, não merecem nosso apreço as pessoas que condicionam a amizade ao uso que damos à nossa genitália, salvo __ é óbvio __ as que vão para cama conosco, pois para elas __ e só para elas __, o desempenho de um papel sexual determinado realmente significa muito.

Este, aliás, parece ser o pensamento do escritor norte-americano Truman Capote, reconhecidamente guei. Após pronunciar conferência em universidade dos E.U.A., durante os debates que se seguiram, um estudante perguntou-lhe: "Are you gay?" ("Você é homossexual?") e teve como resposta: "Are you proposing me?" (Você está me dando uma cantada?")

João Antônio Mascarenhas

Algumas histórias de amor

Adeus, Mercadinho Azul

Copacabana já não é mais a mesma. Não se trata de saudosismo, mas de uma triste constatação. O bairro está perdendo rapidamente todos os seus pontos de referência e se transformando num local triste e desumano, apenas uma fachada para turista ver. O calçadão, por exemplo, com todos aqueles bares horríveis, não pode ser comparado com a bucólica e heróica Avenida Atlântica antiga, onde se podia passear e encontrar pessoas; os poucos bares existentes então tinham uma categoria hoje fora de cogitação. Quem, entre as bonecas mais antigas, vai esquecer as noitadas de antanho no Alcazar, suas festas pre e pós carnavalescas, antecipação e continuação dos bailes do João Caetano? Ah, como vão longe esses tempos inocentes! Ninguém tem medo do progresso, mas Copacabana não pode se transformar numa vitrina, onde se vive em trânsito e se chega de carro apenas para as noites barulhentas das discotecas. É, porém, o que está acontecendo.

Por isso decidi não deixar passar sem protesto a queda de mais um bastião dos bons tempos. O Mercadinho Azul, conhecido no Brasil e no estrangeiro não só como o que servia o melhor cafezinho do bairro, mas também como o ponto central de um "footing" perene, de 24 horas por dia, com sol ou chuva, e que agasalhava carinhosamente, como um útero materno, as bonecas extraviadas, pois bem, o Mercadinho fechou. É possível isso? Na augusta fachada, sob a qual deram-se tantos encontros e nasceram tantos casos, está pregada agora uma enorme faixa com os seguintes dizeres: "Khalil Gebara anuncia para breve a abertura do maior supermercado de fazendas da América do Sul". É quase obsceno.

É bem verdade que há muito tempo o Mercadinho Azul tinha entrado num processo de decadência; cada vez que se ia lá, na paquera, para tomar um simples cafezinho, ou as duas coisas, notava-se o fechamento de mais uma loja. O guarda, aquele baixinho porreta que gostava de cuidar do mictório, desaparecera. Na agonia final, só havia a charutaria e o balcão do café. Um espetáculo confrangedor. Para onde teriam ido todos aqueles que faziam do Mercadinho seu quartel-general?

Conheci o lugar no seu período mais glorioso. Logo que cheguei ao Rio, meio caipira mas com uma disposição enorme, fui convidado para tomar um café no Mercadinho e tornei-me um habitué. Ali nasciam todos os programas, era o umbigo do mundo. Confesso que, nas minhas andanças posteriores, só senti saudade do Mercadinho Azul e que nas cidades que conheci em outros países sempre procurei algo parecido com ele, pois foi nele que passei alguns dos momentos mais exaltantes da minha juventude, até hoje perfeitos e lapidados na memória como um diamente. Nesses momentos de procura me vinham à lembrança, proféticos, os versos de Cavafy: "Não encontrarás outros países, não encontrarás outros mares./ A cidade te seguirá. Errarás pelas mesmas ruas,/ envelhecerás nos mesmos bairros/ e teus cabelos ficarão brancos nas mesmas casas./ Tu pertences a esta cidade."

Minha intenção era escrever aqui um registro frio e imparcial sobre a rápida deterioração da qualidade de vida da cidade em que vivo, tendo por base o fechamento do Mercadinho Azul, mas saiu um depoimento pessoal e apaixonado. Acredito que muitas outras pessoas estarão se sentindo como eu. Quando as coisas doem demais a gente não deve calar. O Mercadinho não era um ponto de encontro apenas nosso. Outro dia passei por lá de ônibus, às dez da manhã, e aqueles velhinhos que também costumavam freqüentá-lo estavam todos reunidos na porta do edifício próximo. Tinham um ar perdido, patético mesmo. Era demais, Resolvi reclamar: por nós e por eles. (*Francisco Bittencourt*)

Durante a visita à boate Sótão, Rio, para confecção da matéria ***Discoteca, sauna, clube: admirável mundo novo?*** *(LAMPIÃO n.º 1), a conversa com os donos da casa, Edson e Nel, não tratou só dos possíveis atrativos, problemas, detalhes técnicos do local. Lá pelas tantas, a meu pedido, eles apontaram alguns pares de fregueses habituais que poderiam ser citados como exemplos de homossexuais de vida social e privada normal, sem os desvios e neuroses que a maioria tenta impingir, indiscriminadamente, a todos os que não rezam por seu catecismo moral sexual.*

Discretamente, pelos cantos, mas também despreocupados de chocar, de serem ou não vistos pelos outros frequentadores, estes rapazes — sempre a dois — trocavam carícias. A maioria não tinha — não tem —, é necessário concordar com Edson e Nel, qualquer aparência, mesmo longínqua, de "anormalidade física ou psíquica". No entanto, no consenso comum, aparências enganam. Então é preciso conversar, averiguar. Um rapagão bonito — acompanhado por outro de sua idade, ambos de presumíveis vinte e poucos anos — se dispõe a falar. Tem 23 anos é de família rica; estuda e, nas horas disponíveis, trabalha na instalação de uma fábrica de pranchas de surf — esporte, informa, de que já foi praticante — e skates, em sociedade com um irmão. O outro, ao seu lado, de barba e bigode, blazer bem talhado e gravata, opera no mercado imobiliário. Aos 25 anos, estuda administração de empresas. Prepara-se para, algum dia, suceder ao pai, presidente de um banco. Por exemplo, tanto o nome de um quanto do outro fariam as delícias de algum bisbilhoteiro interessado no quem é quem da sociedade brasileira. Eis porque preferem se escudar nas iniciais. E.N.M., o mais velho, abre o jogo.

— Nós nos amamos, pode dizer na sua reportagem. E vivemos juntos há quase dois anos, sem grilos. Pode ser que nosso caso de amor dure muito; pode ser que não. Em minha vida particular isso é tudo o que me preocupa nesse momento.

A.C.D.A. é o mais novo do duo, porém suas idéias e posições parecem mais consistentes:

— Acho uma grande virtude minha, pessoal e intransferível, ser homossexual e estar em paz comigo mesmo. Se isso implica em ser corajoso? Claro que sim! Mas sou feliz, na medida em que alguém, homossexual ou não, pode ser feliz hoje em dia.

— O mundo está cheio de problemas, é uma crise só. E ser homossexual declarado às vezes é difícil, né? Tem condenação social, tem uns até que não se aceitam como são. Eu mesmo já tive problemas com a família. Mas agora está tudo bem, porque eu me impus, não abri mão de ser eu mesmo. Tou bem assim.

— Isso no seu caso. E os outros homossexuais?

— Nesse assunto de vida particular, cada um sabe de si mesmo. Mas de um modo geral o homossexualismo não vai piorar nem salvar o mundo, mais do que já está pior ou salvo, não é mesmo? Pelo contrário, eu acho que na medida em que cada um ficar na sua, for ele mesmo, só pode ajudar a melhorar as coisas...

Ei-los: não tão difíceis assim de ser encontrados, os casais homossexuais naturalmente estabelecidos, quase nunca mostrados em reportagens — pelo simples e claro fato de que a sanidade de sua conduta não interessa — ou incomoda — a maioria. Nossos entrevistados, pelo visto, são rapazes ricos, sem maiores problemas de (com) pressão social. Outros, certamente, adotariam o mesmo estilo de vida, se tivessem igual desafogo para escolher. LAMPIÃO voltará ao assunto, com mais atenção e vagar. (Antônio Chrysóstomo)

Más notícias do Nordeste

A denúncia de que trinta dos 2.250 alunos da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte tiveram negada a renovação de matrícula este ano sob a justificativa de "homossexualismo" foi desmentida pelo seu diretor, professor Arnaldo Arsênio de Azevedo, em Natal, um dia depois de divulgada pelos jornais: "Não existe nada disso, e o homossexualismo não é motivo para ninguém sair da escola", disse ele. Arsênio contava, para desmentir de modo tão enfático uma coisa que, ao que tudo indica, aconteceu, com o possível silêncio dos prejudicados, para os quais a fama de homossexuais numa cidade como Natal seria nefasta. Mas há sérios indícios de que a escola andou colecionando denúncias sobre alunos seus, forçando-os a pedir transferência por praticarem o homossexualismo ou apenas porque *seriam* homossexuais.

Tudo começou em junho do ano passado, quando a direção da escola, em colaboração com a Polícia Federal, fez uma "pesquisa" para descobrir quais os alunos envolvidos com droga. Dizem os jornais de Natal: "No decorrer dos fatos descobriram-se estudantes envolvidos com homossexualismo, e alguns foram chamados à direção da escola e ao DPF para prestar depoimento sobre as suas situações. De aproximadamente sessenta alunos chamados a depor sobre os dois assuntos, cerca de trinta foram transferidos no final do ano passado, e a escola não os aceitou como alunos no atual período letivo.

Arsênio, o diretor da escola, disse que se houve algum caso de homossexual transferido de lá, "não foi pelo fato de ele ser, mas porque o mesmo era indisciplinado e estava contribuindo para a desordem geral. E com essa gente é preciso tomar medidas sérias". E ainda: "Deve haver homossexuais na escola, pois onde há muita gente sempre aparecem esses casos, mas aqui nós não temos a preocupação em apontar. E quando localizamos alguém nesta situação é porque ele próprio se apresenta através da indisciplina".

Já que o outro lado da questão — os homossexuais — prefere silenciar para evitar o pior, não há outra saída senão encerrar o caso com as explicações do diretor Arsênio. De qualquer modo, fica registrado o fato: as coisas não estão nada boas para o pessoal lá no Nordeste. Basta citar a carta que nos chegou de Recife, na qual um colaborador escreve:

"Gostaria também de denunciar a repressão policial que tem sido levada a efeito aqui no Grande Recife. Eles levaram três *camburões* cheios de freqüentadores do Bar Atlântico (em Olinda) sem aceitar quaisquer argumentações ou mesmo a apresentação de documentos. Vale salientar que o referido bar tem dois ambientes, sendo um ao ar livre. As pessoas que foram levadas eram justamente todas aquelas que se encontravam na parte fechada. Houve também quatro prisões no Cantinho da Sé (também em Olinda), e o motivo alegado, como sempre, era de suspeita de uso de tóxicos".

E ainda: "Nas boates onde os rapazes *alegres* se encontram houve uma batida policial, deixando assim um clima de inquietação no mundo (ou submundo) guei da cidade. É bom frisar que muitos souberam que iria haver a referida batida por um dos freqüentadores, filho de um policial".

Uma das saídas para evitar situações como esta é obter a aprovação de leis específicas contra a discriminação (os negros já têm a Lei Afonso Arinos), a exemplo do que se conseguiu nos Estados Unidos. Mas, até lá, existe um longo caminho a ser percorrido. E, por enquanto, os homossexuais ainda estão aprendendo a caminhar.

Nossas cidades da noite

A idéia de publicação de um **gay guide** nacional, lançada por um leitor na seção **Cartas na Mesa** do número zero, ao que parece mereceu a aprovação geral, já que mais cartas vêm pedindo a mesma coisa. LAMPIÃO chega lá. Mas como não temos a estrutura da revista Quatro Rodas, teremos que fazer a coisa com mais calma, contando, principalmente, com a colaboração dos leitores. Até chegar ao **guia**, no entanto, ficaremos com a publicação de roteiros sobre determinados aspectos das principais cidades. A vida noturna, por exemplo; depois do roteiro carioca, publicado no nº1, vamos focalizar mais três cidades: Brasília, Porto Alegre e Niterói, vistas respectivamente por Alexandre Ribondi, José Luís Dutra de Toledo e Paulo Augusto.

A CAPITAL — Decididamente, Brasília é uma cidade de poucas graças noturnas. E não só porque se busque algo mais específico: os heterossexuais também se ressentem da mesma falta de opção, não sabem onde ir a cada fim de semana (lembre-se de que Brasília é uma cidade de funcionários públicos, essencialmente); e os lugares públicos já exalam um desagradável odor de rotina.

Essa terra, portanto, tem pouquissimos frutos. Para um visitante, como ovelha desgarrada, tudo será silêncio. O Planalto Central, por força do hábito, é discreto. Há de qualquer jeito, a boate Aquarius, no Venâncio VI, ao lado do Setor Hoteleiro Sul, que se tornou, em seus três anos de vida, a única casa do gênero: oferece **shows** de travestis às quintas e sábados e noites dançantes de terça a domingo. Mas há quem diga que seu sucesso é forçado: ruim com ela, pior sem ela, já que não há outro lugar onde ir. Seus porteiros e garçons, todos eles fortes e musculosos, demonstram um inexplicável desprezo pela clientela e em dias de festa, como as estréias, os convidados especiais com mesas reservadas, são **sadios casais**, abertamente heterossexuais. Para dar respeito ao ambiente, talvez. O espetáculo atualmente apresentado, é de um pesado mau gosto: a Guerra das Estrelas (Cr$ 100 por pessoas) que, além de ser baseado em um filme de ideologia inconveniente, provocou vaias sonoras.

Além disso, há o passeio público. Os altos da Rodoviária (centro de Brasília) já foram devidamente classificados por algum carioca saudoso: há a Urca, a Penha e a Lapa. De lá, é certo que se saia acompanhado. E a rampa do Hotel Nacional é especialmente frequentada por travestis, alguns famosos, outros anônimos ou recém-chegados. São como delicados postes que tentam iluminar, um pouco, as escuras noites do cerrado (**Alexandre Ribondi**)

CUIDADO COM O LAÇADOR — Na capital gaúcha, a cidade do Laçador machão, temos uma das noites mais movimentadas deste país, excluídos os polos do eixo central Rio-São Paulo. Desde os tempos de Lupiscínio Rodrigues Porto Alegre goza de certa atmosfera noturna de boêmia, loucura e paixão. Pode-se começar falando dos pontos escolhidos pela lumpen-homossexualidade: Praça da Alfândega, Largo Parobé, Pracinha Otávio Rocha e Viaduto da Borges Medeiros; Parque Farroupilha (à noite), Avenida Independência (principalmente) e Farrapos (pontos de travestis), além dos cines Carlos Gomes (Rua Vigário José Inácio) e Lido (Borges de Medeiros), sem falar nas paqueras e calçadas da Rua da Praia.

Nos bares **específicos** há um certo ar de comadrice guei, principalmente no New Flowers City, decorado pelos mais conceituados artistas da cidade. O mais antigo, o Coliseu, entrou em reformas e, segundo a gerência, "também vai passar a selecionar a clientela". O Ego-Sum (parte baixa da Rua Santo Antônio) é um dos lugares mais acolhedores, um barzinho médio e bem freqüentado. O Maxim's, na Avenida Osvaldo Aranha, o prefeito das mulheres, está passando por profundas reformas e "dizem" foi comprado pelo grupo New Flowers, o qual está anunciando para os próximos dias a inauguração de mais um bar, na rua Marcílio Dias (entre Menino Deus e a Praia de Belas).

A Sauna Gaúcha, a mais antiga de Porto Alegre, apesar da decadência das instalações, é a mais frequentada (Cr$ 60 por pessoa). Ambiente não selecionado, liberdade total no gueto. Já a sauna Rio Branco (Rua Ric Branco), indisfarçadamente discriminadora e racista, é a preferida das pessoas "que prezam acima de tudo a limpeza, a decência e a dignidade": tudo muito bem arrumado, grupinhos de amigos formados lá dentro, discrimiando uns aos outros, e pessoas irremediavelmente barradas à porta, conforme as aparências. Bem melhor, no entanto, que a Sauna Guaíba (Rua Ramiro Barcelos), que evidentemente não entra neste roteiro e que tem, bem a frente ao vestiário, o seguinte aviso: "Qualquer sinal, gesto ou olhar indecoroso ou insinuante, favor comunicar à gerência, pois não nos interessa esse tipo de freguês. Guardaremos sigilo quanto ao denunciante". Por conta de tais denúncias, vários homossexuais já foram expulsos de lá. O que não impede que, diariamente, bonecas "guerrilheiras" invadam o sacrossanto recinto em verdadeiros ataques-relâmpago, durante os quais, antes de serem expulsas, fazem amor adoidado. (**José Luís Dutra de Toledo**)

NOITES DE ICARAÍ — Uma aragem fresca varre as ruas de Niterói desde há dois anos, aproximadamente — segundo o historiador Emanoel Bragança de Macedo Soares, que mora lá —, a partir do surgimento do Barroquinho, bar situado em Icaraí, bairro elegante da cidade, e que hoje faz parte do complexo de **pubs** que começaram a proliferar na esquina das ruas Gavião Peixoto e Mariz e Barros, mais conhecida como Esquina da Loucura. Foi ali que surgiu, inclusive, em dezembro, a primeira boate guei niteroiense — **Seven's**, que passou a congregar todas as noites os rebentos malditos da pequena burguesia da Zona Sul da cidade.

Embora sendo o quarto município da Região Metropolitana do Rio de Jaeniro, com relação à concentração demográfica, retendo significativa parcela de sua população economicamente ativa, e possuindo o segundo maior orçamento municipal — perde apenas para o próprio Rio —, Niterói não perdeu até hoje, seu renitente provincianismo. Essa resistência da cidade em preservar suas pilastras morais encontra, nas palavras de Macedo Soares, uma explicação: "Niterói é uma cidade muito pequena", diz ele. Para se ter uma idéia, há apenas 30 anos todo mundo se conhecia e, ainda hoje, a cidade é uma cidade **família**. Ainda tem muito disto de todo mundo se conhecer. Os pais chamam o amigo do amigo do delegado, mandam cercar o Barroquinho e prender todo mundo, quando o certo seria chamar o filho ou filha e terem uma conversa mais sincera. É por isso que, a frequentar a Esquina da Loucura, muita gente prefere tomar a barca, atravessar a Baía e ir para a Cinelândia, ou ficar mesmo na Praça Araribóia, que é um ponto que criou tradição e, atualmente, dá **status**.

A verdade é que Niterói tem outros pontos de encontro. Só que estes não contam com a publicidade reservada à boate **Seven's** ou à sauna Termas Icaraí. A "Rainha Diaba", por exemplo, não existe: é na verdade o nome dado pelo pessoal ao Bar-Sul-América, no Centro, perto dos correios. E na Rua Visconde de Rio Branco, ninguém se espanta quando dois rapazes sobem as escadas de um dos vários hotéis para solteiros e pedem "um quarto para dormir".

Mas, apesar dos progressos, o pessoal mais assumido de Niterói deplora a situação de falta de autonomia da cidade em relação ao Rio, da qual é apenas uma cidade-dormitório: embora tantos lugares novos tenham surgido nos últimos anos, para a maioria do pessoal, bom mesmo ainda é do outro lado da Baía. (**Paulo Augusto**)

De Teresina para o mundo

*Bar Gaiola das Loucas, na zona do Baixo Meretrício de Teresina, Piauí. Fica na Rua João Cabral, no Paissandu. Gaiola instalada num tabique do que já foi um grande galpão (café? cacau? bofes?). Freqüentadores assíduos: **Vanusa, Eliana Pittman, Regina Duarte**. Passatempo: sinuca. Comida: pastéis e quibes de zona. Em 76, a polícia tentou moralizar o ambiente. A bicharada se entrincheirou atrás de mesas e cadeiras. Há informações de que a polícia foi enfrentada a socos, puxões de cabelos, golpes de salto de sapato e dentadas. Resultado: o Bar Gaiola das Loucas existe até hoje e tem um bloco carnavalesco onde se misturam, democraticamente, peões de obra, estudantes, bichas de todas as origens e classes sociais. Um furdúncio. Viva o Piauí. Com amor, **Rafaela Mambaba**.*

Dica: o "Pasquim" nuslê

A notinha abaixo saiu no Pasquim:

"A luz tosca do Lampião: *Antônio Chrysóstomo me critica no número um do **Lampião**, que um amigo meu já definiu como "jornal das tias", por "falta de imaginação crítica" para compreender o que ele acredita que vê na ascensão das Frenéticas. Diz o Chrisóstomo que o rebutalho vocal formado pelo marketing para faturar uma grana é "descendente direto dos Dzi Croquetes por parte de pai e das Dzi Croquetas por parte de mãe". E conclama a que preste atenção ao grupo "o povo entendido desse país". A mim, fica difícil imaginar os Dzi Croquetes pais do que quer que seja. Além do que, a discriminação é desnecessária. Tem gente que desmunheca ouvindo Jamelão. E gente que curte o Dali e o Oscar Wilde sem revirar os olhinhos". (**Roberto Moura**)*

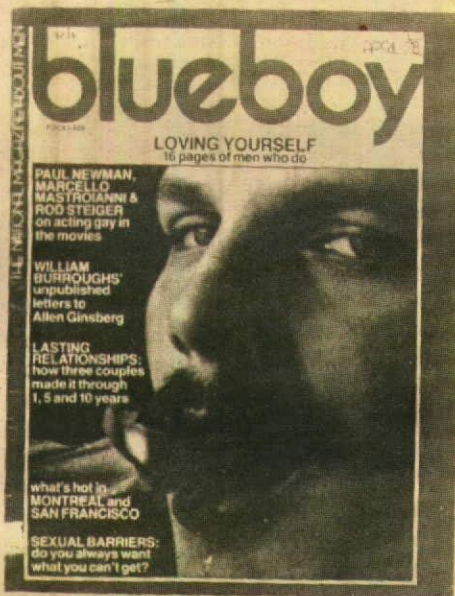
*Mauzinho! E continua o mesmo, hein ? "Jornal das tias": hum, hum, que imaginação fertilíssima! Por que não das bichas, das bonecas, dos viados? Ricas idéias: luz tosca do LAMPIAO deve ser a do bisavô de quem escreveu. A nossa continua acesa, acesíssima. Sinceramente sua, **Rafaela Mambaba.***

*Tá vendo o que você conseguiu com sua "imaginação crítica", Roberto Moura? Agora a Rafaela se meteu entre a gente. Uma bicha meio perigosa, amiga íntima de Madame Satã (dizem as más línguas da Lapa que foram íntimas demais), beberrona, dada a espalhafatos. Cuidado com ela. E depois, como diz Aguinaldo Silva, a única coisa que emociona os críticos do Pasquim são as evoluções do anão da boate **Cowboy** (A.C.)*

No paraíso do consumo guei

Blueboy é uma revista que concorre na faixa do mercado norte-americana de informação e lazer para o público homossexual **(only for men).** Ela é uma versão "gay made in USA" das nossas **Status** e **Homem** (vende mais que as duas juntas) ou das americanas **Playboy, Penthouse** e **Playgirl** (esta feminina), contendo sempre um certo número de páginas com fotos de modelos nus.

Um **slogan** revela as pretensões de **Blueboy:** "a revista nacional sobre homens". Com uma diagramação sofisticadíssima, ela seduz principalmente pela aparência e já conquistou 250 mil leitores. Como é habitual nesse tipo de revista, há seções fixas: editorial, críticas, correspondência, horóscopo; e matérias variadas, a maioria assinada por pseudônimos. Tem uma enorme dose de matéria paga. A seção "What's hot", um roteiro do consumo nos EUA, não se limita a estabelecimentos "gay". Exemplo: "Se você está pensando em dar uma escapadinha, pense no Concorde; ele é o avião mais veloz em uso, só há 1ª classe e em três horas você chega a Londres. A tarifa é US$ 1589 ida e volta". Esta matéria é de uma agência de viagens de Nova Iorque.

Ainda no "What's hot", sobre um bar: "Tem-se falado no Academy Restaurant de Los Angeles. **Blueboy** foi lá conferir. Don Storr, seu dono, nos contou vestido em sua **farda:** — Escrevi para a Academia de West Point e eles me mandaram croquis e dados sobre os uniformes de lá; eu os usei para dar um toque militar a este restaurante. Assim, aqui você pode pedir os sanduíches "Cadete" e "Barraca de Acampamento", e garçons impecavelmente fardados virão marchando imponentes

para servi-lo. Então, se você sentir fome e quiser um pouco de disciplina..." Outra nota: "Os nova-iorquinos suportam o mês de março graças a pessoas como Bill Brusca e sua dança. Sua última apresentação no Centro Cultural da Velha Academia de Polícia foi organizada por Jacqueline Onassis".

Outra agência de viagens responde por uma matéria oito páginas assinada por seu dono, Hans Ebensten. Ele começa como aquele poeta romântico: "Criança, não verás no mundo terra igual à tua", diz que nem Capri nem Mikonos chegam aos pés do Grand Canyon. Mas se é para quebrar a rotina ele sugere Marakech, Egito, Haiti, Sidney e Rio de Janeiro. O turismo de Hans se limita a como paquerar um garotão em cada um desses lugares e suas conseqüências. Sobre o Rio há essa **pérola:**

"Entre os maiores prazeres do Rio estão seus extasiantes policiais. Com freqüência, um desses semi-deuses olhará para o visitante com o seu olhar experimentado, solicitará cortezmente o seu endereço e indicará num inglês razoável a que horas ele vai procurá-lo, garboso, ornado com suas pistolas. A hospitalidade brasileira não poderia ser melhor". Aqui já se pode ter uma idéia do nível de compromisso de Hans com a verdade.

Na seção "Cuidados com o Corpo", sob o título **Penteando-se:** "Mesmo quando cortamos o cabelo estamos cuidando dele, por isso, se você deseja ser "visto" e não apenas "olhado", eis uma idéia genial: Faça sua cabeleira parecer mais cheia pintando apenas algumas mechas da superfície".

O crítico de cinema Walter Vatter fala bem de tudo quanto é filme — no mesmo bote vão desde **1900** de Bertolucci e **Salo** de Pasolini até **Momento de Decisão** e **O Telefone** (com Charles Bronson); o de discos idem (acha discoteca o máximo). Mas talvez o que melhor caracteriza essa revista é o tipo de anunciantes que ela atrai e as novas necessidades especificamente gueis que estes criam. Há anúncios vendendo o estilo de vida guei, a moda guei, a literatura guei, o perfume guei, as excursões gueis, o seguro de vida guei, a mobília, o relógio, o corte de cabelo, a massagem, as jóias, tudo guei. E ainda os métodos milagrosos para a cura da impotência, o crescimento do pênis, lições de halterofilismo a domicílio, etc. Tudo prático, é só pagar. Ah, sim, a seção de fotos de nus acaba por ser a mais inocente da revista; não tem nada mais que fotos de nus. **Blueboy,** revista mensal, 100 páginas. Sede: Miami, Flórida, USA. **(Paulo Sérgio Pestana)**

Um produto novo na praça

Sabe-se que, na Espanha, o governo anda preprando gingles para a televisão, onde mostra um pai de família que amamenta o filho enquanto a mulher lê o jornal. Lá ainda, está sendo proposto o salário dona-de-casa para mulheres que se ocupam exclusivamente do lar. Por mais avançados que possam parecer à primeira vista, ambos os casos constituem tentativas desesperadas de salvar a família enquanto o suporte do Sistema Social vigente. Basta dizer que a proposta do salário dona-de-casa vem sendo lançada pelo Partido franquista, o mais reacionário do país. Claro: se as mulheres se rebelarem (como estão ameaçando fazer), quem vai se responsabilizar pelos filhos e pela manutenção do lar-doce-lar?

Isso remete à situação paralelamente dos homossexuais, que também tem raiz nos males do sistema patriarcal, onde reina soberamente o macho, a competição, o lucro. Por exemplo: na última temporada teatral de São Paulo, havia 25 peças em cartaz, das quais 11 apresentavam temática, personagens ou situações homossexuais, oscilando desde a revista de travestis (*As Gigolettes*) até o drama intelectualmente requintado (Zoo Story). Não cabe aqui analisar as peças nem entrar no mérito de cada uma delas. Importa apenas constatar um fato que, se não é comum, também não surpreende. À primeira vista, ele pode ser alvissareiro. Nesse mesmo sentido, muita gente está encantada com a proliferação de boates entendidas, que já é coisa de se perder a conta. Ou então saltitam de excitação relativamente à sauna de quatro andares que abrirá em breve, "para você encontrar um amigo".

Faz algum tempo, a revista ISTO É apresentou o tema *Poder Homossexual* na capa, ilustrada pela foto de duas mãos masculinas entrelaçadas. Houve referências ao seu liberalismo, abertura, coragem até. Ora, esse número da revista conseguiu vender horrores em época de fim de ano, quando ninguém lê; tratava-se, antes de tudo, de um inteligente golpe de marketing. Quanto ao artigo propriamente dito, sua tônica eram pessoas desculpando-se de serem homossexuais — onde até Ney Matogrosso, que vende pacas às custas de sua imagem de bicha, afirmava ser apenas um artista descrente em movimentos de conciliação do homossexual.

Um fato é inegável: o homossexual está sendo digerido e transformado em produto de consumo. Os "liberais" enchem os bolsos, sem oferecer qualquer risco ao Sistema. E *Sistema* aqui não é nenhum elemento abstrato: o Sistema caminha ao nosso lado e vive dentro de nós, perpetuando-se até mesmo quando supostamente encampa atitudes contestatórias, para evitar mudanças perigosas. Uma vez, uma bicha intelectual dizia do pináculo do seu elitismo: "Pra quê liberação homossexual no Brasil? Aqui, bicha já é livre faz tempo. Basta ver a Bolsa de Valores na praia de Copacabana, onde se faz tudo à luz do dia." Eis um exemplo perfeito da Bicha-Sistema, que está reforçando a idéia de guetos para homossexuais.

Ao contrário, é importante perguntar se a liberalidade sexual não faz parte da tal "democratização lenta e gradual", onde a sexualidade é permitida como válvula de escape para que o resto não caia de podre. Ou seja, se o pão está caro, que se abram as comportas e se forneça circo para o povo. Então, o homossexual vira massa de manobra ou acaba indo divertir platéias entendiadas nos teatros. Para que ninguém seja importunado, permite-se a criação de novos guetos: ilhados e distantes, sem perigo de contaminação.

Acontece que agora LAMPIÃO tem seu próprio caso como exemplo: o número 1 foi um sucesso absoluto de venda, quase esgotou nas bancas. Então, que peixe estamos vendendo? A quem? Como? POR QUE? Ou seja, corremos o mesmo risco de comercializar a bicha. Isso só será evitado se desmistificarmos a questão homossexual, mostrando que ela tem origens muito concretas e que não está isolado do contexto social. Para não se tornar mais uma válvula de escape nem permitir a perpetuação do gueto, LAMPIÃO precisa ir de encontro a todos os setores marginalizados que, oportunisticamente ou não, foram atirados à lata de lixo da História. Isso não significa que se deva dar menos importância à questão homossexual ou tratá-la com sentimento de culpa. Pelo contrário, deve-se desvendá-la criticamente e apontar várias formas de discriminação que a envolvem, uma das quais é exatamente a transformação da bicha em produto da moda, vendido como mero *homo sexualis*, simples objeto de sexo.

Uma andorinha só não faz verão. Nem um LAMPIÃO isolado ilumina mais do que seu próprio fosso.

João Silvério Trevisan

"Tição": os negros já falam

1978 parece ser um ano muito promissor para a realidade brasileira, ao menos ao que diz respeito especificamente ao negro. Exatamente 90 anos depois da Abolição parece que a conscientização do problema do negro na nossa sociedade está começando a merecer maior atenção. No período que marcou a semana da Abolição, a grande imprensa publicou muitos artigos abordando esta problemática, destacando-se as reportagens das revistas *Isto É e Veja. E por incrível que pareça o jornal New York Times, em sua edição do dia* 5 de junho, publicou reportagem a respeito da posição do negro no Brasil e, na sua primeira página, encontramos uma foto com vários negros, sendo que dois em primeiro plano fazendo um gesto característico do movimento negro americano e com o título: Muitos Negros são expulsos do "Paraiso" Racial do Brasil, artigo assinado por David Vidal.

Entre os depoimentos prestados àquele jornal podemos encontrar o do Embaixador Raimundo Souza Dantas, de uma moça com o pseudônimo de Srtª Berta Santos, a qual não quis revelar seu nome verdadeiro devido a futuros problemas que ela poderia enfrentar, e a visão de Bráulio Pedroso sobre o negro na televisão.

Paralelamente a tudo isso chega às *nossas mãos a revista Tição nº 1, a qual se* dedica totalmente ao negro do Rio Grande do Sul procurando dar voz a essa minoria. Entre muitos artigos que vão desde a pesquisa das origens do negro no Brasil, *destacam-se dois: Mulher Negra, com* depoimentos de mulheres de vários níveis sociais e *Racismo na Educação*. Nos pareceu mais oportuno publicar parte da entrevista de Geraldina da Silva, delegada do Centro de Professoras do Estado do Rio *Grande do Sul, precisamente uma das perguntas de Tição e uma das respostas de* Geraldina que englobam uma série de *reflexões sobre o assunto do negro: Tição — Justamente: a educação teria a função de acabar com este complexo de inferioridade do negro? — Geraldina — Sim, mas uma educação dirigida apenas ao negro, criaríamos um problema muito sério de isolamento. Não podemos tratar do negro com exclusividade, temos que falar de brasileiros. No Biênio da Colonização, fui ferrenha defensora da criação de um centro cultural, onde o negro pudesse aprender, desenvolver-se, mas seria um trabalho conjunto e o branco também poderia se matricular. Muita gente não aderiu à idéia, justamente porque ela era aberta. O negro tem que viver, ser educado com a mesma liberdade do brasileiro. Ele não vai crescer como negro, mas como brasileiro. Um dos motivos pelos quais o negro não se desenvolve é ele mesmo, não podemos botar as culpas só no branco. O negro assim que melhora de vida, deixa de cumprimentar o próprio irmão.*

Tição é uma publicação da Editora Paralelo 30 Ltda, Rua Lima e Silva, 92/1005 (endereço provisório), Porto *Alegre, Rio Grande do Sul.*

Adão Acosta

DE PRESIDIÁRIO A DZI CROQUETE

Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: — Eu sou muito tinhoso

Disseram que Lennie Dale era dos tais entrevistados problema, que marcam e não aparecem. Disseram que era pouco claro, tipo confunde-tudo, de propósito, nas respostas. "Pois é, falam tanto e pouco sabem de mim" — se limitou a comentar a divina tia, ao chegar pontualmente, às 6 da tarde de uma segunda-feira, ao local marcado para o nosso papo, o apartamento de João Antônio Mascarenhas, do Conselho Editorial de LAMPIÃO de Esquina. Chegou, disse e fez: foi direto à geladeira e, ante João Antônio educadíssimo, pálido de espanto com a sem-cerimônia do èntrevistado, serviu-se imediatamente de um prato de salada e dois ovos quentes sob a alegação de que estava "morto de fome, depois de uma tarde inteira dando aula de dança". Esvoaçante, tirou o capetão de chintz, a longa acharpe de lã e, enquanto comia, declarou-se à disposição dos seus entrevistadores: João Antônio, Francisco Bittencourt e eu — que nas duas horas seguintes iríamos descobrir que Lennie não é exatamente o que dizem dele. É mais, muito mais. (Antônio Chrysóstomo).

Chrysóstomo — Bom, Lennie, vamos começar pelo começo. Onde e quando você nasceu?

Lennie — *Pelo amor de Deus, bicho, não vamos começar assim: "Quando voce foi que você chegou ao Brasil, etc..." O começo é agora, agora é que estou começando tudo. Eu nasci em 21 de julho de 1937, em Brooklyn, New York.*

Crysóstomo __ A dança, como começou, o que é a dança parqa você?

Lennie — *Se alguém me perguntar: "Lennie, o primeiro dia de sua vida, como foi"? Aí eu me lembro de que era um dia em que eu estava dançando. Claro, um dia comecei a estudar a sério, quando tinha três anos de idade.*

Chrysóstomo __ Uma coisa interessante de saber, ô Lennie, quando você chegou aqui, como é que estava essa coisa de dança, como é que te passou a dança brasileira?

Lennie — *Bom, eu vim para cá trabalhnado, minha idéia era aprender. Fui ver a escola de samba, o candomblé e aí fiquei louco. estudado dança foclórica com Katherine Dunhan e fiquei fascinado. Eu sabia que não havia uma técnica de jazz dance, por exemplo, mas não me preocupei em ensinar logo. Eu não queria que o Brasil me conhecesse: eu queria conhecer o Brasil. Quer dizer, eu queria chupar os conhecimentos todos daqui, eu queria chupar a cidade. Chupar a cidade é ótimo...*

Chrysóstomo __ É, eu acredito que nossos leitores estejam muito interessados num outro lado da sua vida...

Francisco Bittencourt __ O lado marginal...

Chrysóstomo __ Mais ou menos. É o seguinte: você nasceu dançando E quando é que você começou a dar?

Lenie — *Sabe de uma coisa engraçada?*

João Antônio __ Qual foi a sua primeira vez, conta!

Lennie — *Minha primeira vez. Bom, você sabe, acontece uma coisa com os bailarinos. Como eles fazem muitas contrações, ficam virgens demais. Aí não deu pra dar mesmo. Ano passado eu fiz uma operação maravilhosa: Fui num médico ali na Gávea, paguei dez mil cruzeiros, e em cinco minutos ele botou uma coisa gelada em mim, não senti nada. Saí de lá andando.*

Chrysóstomo __ Você não conseguia (só por causa disso?)

Lennie — *É. Mas a operação foi uma coisa maravilhosa, sabe? Eles congelam...*

Francisco __ Mas isso é uma coisa importantíssima...

Chrysóstomo — Importante é descobrir que você, uma bicha institucionalizada, só pôde se estrear há um ano atrás.

Lennie — *Tecnicamente, só há um ano atrás.*

Francisco — E antes? Que tipo de sexo você fazia

Lennie — *Ah, eu fazia de tudo, graças a Deus. Sou bastante tarado, em matéria de sexo*

Chrysóstomo — O que é ser tarado?

Lennie — *Ô amorzão. Faço tudo! Uma das coisas de que mais gosto é lambuzar as pessoas inteiras com mel.*

Chrysóstomo — Pra que?

Francisco — Não se faça de bobo!

Chrysóstomo — Causou muita sensação a sua declaração de que você teria tido um caso, na prisão, com o Fernando *C.O.* cunhado e membro do bando do Lúcio Flávio. Isso é verdade?

Lennie — *Eu fiquei apaixonado por ele. É difícil encontrar um preso que tenha a visão dele. É do signo de Peixe, uma pessoa meiga, cheia de carinho, muito carente. Então aconteceu.*

Francisco — Aquele menino da sua peça, aquele com quem você se agarra em cena, é o Fernando *C.O.?*

Lennie — *É um dos mil homens que eu tenho na cabeça.*

Chrysóstomo — Nós estamos falando do Fernando C.O. porque é um cara conhecido. Tanto que nós registramos uma sensação enorme na nossa galera. Conta a história direito pra gente.

Lennie — *Minha vida na cadeia foi das melhores.*

Chrysóstomo — Mas o Fernando, você conheceu ele onde?

Lennie — *Na Penitenciária Hélio Gomes, ali na Rua Frei Caneca.*

Chrysóstomo __ Como é isso de transar na cadeia ? Não há vigilância, não há controle ?

Francisco __ Afinal ele era um preso considerado de alta periculosidade. Não ficava separado ? Estava na sua cela ?

Lennie — *Bom, naquela época o C.O. não estava isolado. Ele fazia a faxina, quer dizer, trabalhava no presídio e andava em várias celas.*

Chrysóstomo __ Ah, então ele não estava isolado. Mas o Aguinaldo (Silva) fez uma matéria na qual dizia que ele está apodrecendo numa cela da Ilha Grande.

Lennie — *Sim, ele deve estar lá na Ilha.*

João Antônio __ Você nunca mais o visitou na cadeia ?

Lennie — *Não. Quando eu saí da cadeia, logo depois eu fui visitar todo mundo, durante mais ou menos um ano. Depois viajei pra fora do Brasil e aí não deu mais*

Chrysóstomo __ Dizem que o homem brasileiro é ótimo. Você que já tinha uma vida ativamente sexual, vamos dizer assim, lá fora, quando chegou aqui, o que achou do brasileiro ?

Lennie — *Eu acho que o homem brasileiro é sexualmente brilhante. Um dos melhores. Tão bom quanto o italiano, melhor que o americano. Eu acho que o brasileiro tem o lado sexual muito mais destemido. Aqui, o homossexual, apesar de reprimido, é muito mais destemido, quando vai pra cama. Quando vai pra cama, vai mesmo: vale tudo.*

Chrysóstomo __ Você já se surpreendeu com muito macho brasileiro ?

Lennie — *Já. Não sei o que é macho. Eu não conheço. Você conhece ?* (risadas). *Eu não participo da vida do macho brasileiro. Eu participo do homem brasileiro. E das mulheres também Porque eu tenho o meu outro lado.*

Francisco — É, você gosta de mulher também, não é? Já *passou* muita mulher bonita, gostosa, daquele tipo que o machão adora?

Lennie — *Depende da mulher. Ela me atrai tanto quanto Ele.*

João Antônio — E quais são as mulheres que o procuram mais?

Lennie — *Eu gosto da mulher bem independente. Eu gosto de homem, aliás, de mulher que seja bem independente, que seja tão livre como os homens. Eu gosto de uma mulher que pode ser meu homem como pode ser minha mulher, sabe?*

João Antônio — Você encontra mais isso em mulheres da chamada sociedade?

Lennie — *Bom, eu já fui louco pela Marisa Urban. Se ela é mulher da alta sociedade...*

Francisco — Você já transou com ela?

Lennie — *Bom, eu não estou falando só de sexo. Eu já fiquei apaixonado pela Marisa Urban, pela Betty Faria.*

Francisco — É, mas a Marisa Urban é mulher bicha, que gosta de transar bicha, não é?

Lennie — *É sim. Mas eu acho que hoje em dia não tem essa coisa de bicha. O que é bicha hoje em dia?*

Chrysóstomo — É como as pessoas dizem, uai! Uma palavra como outra qualquer, de que a gente não pode ter medo: bicha!

João Antônio — Segundo o consenso geral, existe bicha.

Lennie — *Mas isso é um diálogo tão antigo! Essa separação de bichas com homens. Existem coisas mais novas, mais atuais. Bem, se eu sou considerado bicha, vocês estão fazendo a entrevista com a pessoa errada.*

Chrysóstomo — Mas acontece o seguinte: os homossexuais, até por deboche, pra bagunçar o coreto de quem fala, devem dizer que são bichas. Acho uma palavra ótima, muito engraçada. Qual seria, por exemplo, o coletivo de bicha? Uma grossa de bichas? Manada? Vara? Rebanho?

Lennie — *Mas essa palavra é tão completamente antiga!*

Chrysóstomo — Taí, não é não. Nem ainda foi explorada em todas as suas implicações gramaticais e semânticas... (Risos, tumulto. Discute-se o significado da palavra bicha.)

Lennie — *Por exemplo: o Mário Gomes é bicha? Não, claro que não é. Mas ele deve fazer muito gostoso, não é? Tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?*

Chrysóstomo — Claro que não. Mas as pessoas falam. É o consenso do falatório do país.

Lenie — *É mais complicado. Tem os travestis, tem as bichinhas, tem os homossexuais. Tudo muito diferente um do outro.*

Chrysóstomo — Em que categoria você se enquadra?

Lennie — *Eu faço sexo com tudo o que me dá vontade de fazer.*

Chrysóstomo __ *Ah, sim Lennie. Você tem dito que não existe discriminação contra os homossexuais, no Brasil.*

Lennie __ *Não, eu não falei isso. Falei que no meu mundo, que entre as pessoas com quem eu ando não existe discriminação. Afinal, eu não ando com pessoas reprimidas. Eu não ando com bancários, com gente assim, só ando com pessoas que sabem onde têm o nariz e outras partes do corpo. Eu gosto do povo, falo com todos, mas não posso gastar o meu tempo tentando desreprimir os outros. O que está atrás de mim eu acho que já foi, o que eu quero é me liberar cada vez mais.*

Chrysóstomo — Então, no geral, você acha que há preconceito?

Lennie — *Há preconceito sim. Mas isso é mais freqüente entre as pessoas de meia idade pra cima, porque a juventude, hoje em dia, está em outra. Tem milhões de garotos que dão em cima de mim, no teatro.*

Chrysóstomo — La isso é verdade. Hoje eu vinha com o Lennie pra cá. Tinha um menino lindo encostado num carro. O Lennie passou glorioso, com essa echarpe ao vento. O menino ficou assim, de olho nele, queixo caído, deu até pra reparar. O que seria isso, uma espécie de atração, pelo artista que você é?

Lennie — *Não sei. Pode ser até que ele não me conhecesse, não soubesse quem eu sou. Mas eu tenho uma sorte com os homens!, sabe? Pelo tipo de pessoa que eu sou, fica muito mais fácil pra eles.*

Crysóstomo — Por que você é desreprimido?

Lennie — *Pode ser.*

Francisco — Mas também pelo corpo de Lennie. Ontem eu estava falando sobre ele com uma pessoa de Brasília, pelo telefone, e a pessoa me disse: "Ai, mas ele está aí outra vez, o Lennie? Com aquele bumbum que eu amo!" Quer dizer, tem também esse negócio de corpo, não é só o artista.

Lennie — (Felicíssimo) *De maneiras que...*

Chrysóstomo — Vamos ser espíritos de porco com a tia? Enumera aí alguns homens conhecidos que você quer e não consegue pegar.

Lennie — *Que eu "ainda" não consegui. Tem o Mário Gomes, aquele meio velhusco, das novelas... Aliás, os dois, Lima Duarte e Francisco Cuoco. Se for pensar tem muitos outros mais.*

Chrysóstomo — Quais?

Lennie — *Chega! Virou bagunça.*

Chrysóstomo — O que você acha de um jornaleco como nosso?

Lennie — *Acho que se vai liberar, tudo bem. Acho que tem de dar vez para todos. Tem de abrir caminho para todos.*

Movimento no Brasil? Ele diz que no momento não há clima

João Antônio — Você chegou a participar do movimento de libertação guei nos Estados Unidos?

Lennie — *Desde que eu nasci guei, comecei a participar da libertação do meu pessoal.*

Maurício Domingues (fotógrafo) — O que é que você acha da possibilidade de um surgimento da liberação homossexual no Brasil, como nos Estados Unidos? No mesmo estilo?

Lennie — *Eu acho que no Brasil não vai ter movimento, nesse momento, porque a América do Norte é muito diferente da América do Sul. Mas eu acho que alguma coisa vai acontecer, de qualquer maneira. Acho que as bichinhas, aqui, hoje em dia, já estão se unindo.*

(Segue-se nova discussão sobre o termo *bicha*. Alguém lembra que "Não fomos nós que inventamos esse apelido!" Todos intervêm. Maurício fala sobre o equivalente norte-americano da palavra e diz: "Lá, se alguém é chamado assim, pode processar quem o chamou.")

Lennie — *Olha, essa questão, se alguém me perguntasse: "Lennie, você gostaria de ser mulher?" Minha resposta seria NÃO! Porque eu gosto do meu corpo como ele é, gosto do meu peito cabeludo, gosto de transar com outro homem, igual a mim.*

Chrysóstomo — Não é vantagem. Noventa por cento dos homossexuais são assim, pensam assim. Mas tem pelo menos dez por cento que gostaria de ser mulher.

Lennie — *As pobres bichinhas querendo ser mulher. Um horror...*

Chrysóstomo — Sejamos finos. Vamos falar de outras coisas, mas artísticas. Os Dzi Croquettes, por exemplo.

Francisco — Acho que foi a coisa mais importante que você realizou, os Croquettes.

Lennie — *Uma das, né, amorzão? Acho que na minha vida tem muita coisa por chegar. Mas os Dzi Croquettes são a minha família. Eu amo eles, eles me amam, a gente vai continuar o trabalho juntos. Mas eu acho que o nosso trabalho foi importante porque conseguiu passar para o público não apenas o espetáculo, teve aquela coisa libertária, da androginia. Isso a gente conseguiu aqui no Brasil. Mas na França também foi novidade, acrescentou, foi sucesso. Jeanne Moreau se apaixonou pelo Rogério, Liza Minelli transou adoidada com a gente. Até hoje o Rogério está casado com o Rodolfo Nureiev. Pode?*

Francisco — O que é androginia?

Lennie — *Nós conseguimos passar pro povo que não somos homens nem mulheres: nós somos gente.*

Chrysóstomo — Androgina não é apelido de vadiagem? (Lennie reage, indignado e explicativo, didático!.

Lennie — *Não! São homens que podem ser mulheres, que podem ser homens.*

Chrysóstomo — Tudo isso não fica assim no campo da teoria, ô Lennie, no campo da fantasia criativa?

Lennie — *Mas toda a nossa homossexualidade não é uma fantasia? Ou não é?*

Chrysóstomo — A homossexualidade uma fantasia? Essa é nova! Pode ser também uma fantasia.

Lennie — *Tudo que a gente realiza no sexo são as nossas fantasias. Não é? Quando você vai na Galeria Alaska e paga a um prostituto pra ir pra cama com ele, ele não realiza as suas fantasias?*

Chrysóstomo — Mas então como você acha que um homossexual poderia — ou deveria — ser feliz dentro da realidade?

Lennie — *Seria preciso que ele se misturasse com alguém tão tarado sexual como ele.* (Protestos gerais.) *Sim, eu sou tarado!* (Berreiro de parte a parte.) *Não porque sou homossexual, mas eu, pessoalmente, sou tarado. Gosto de coisas especiais no sexo.*

Chrysóstomo — Mas você sabe que nem todo homossexual é assim, não é?

Lennie — *Eu sei. Tem muito papai e mamãe.*

Chrysóstomo — Além disso, ser tarado não é privilégio dos homossexuais.

Lennie — *Claro! Nunca eu disse isso na minha vida. Mas eu sou tarado. Gosto de sexo com muita violência e muito carinho.*

Chrysóstomo — Isso ficava claro nos Dzi Croquettes? Ajudou a aclarar essa questão da liberdade da conduta de cada um?

Lennie — *Ah, acho que sim. Inclusive houve muitos espetáculos, depois, em cima dos Croquettes.*

Chrysóstomo — Parece que você não gostou das Frenéticas, que se declaram descendentes diretas dos Croquettes.

Lennie — *Tem confusão aí. Adoro as Frenéticas. Não gostei foi do show que elas fizeram com o Fernando Pinto, ex-Croquette que dirigiu as meninas. Tinha Croquette demais e criação de menos no show. Elas já podiam ser outra coisa. Dirigidas por mim já seriam menos Croquettes e mais elas mesmas.*

Chrysóstomo — O seu espetáculo atual, no teatro da Lagoa, você acha que inova alguma coisa?

Lennie — *Não. Mas ele tem o visual, tem a violência, tem a minha vida que foi muito cheia. Tem tudo o que um espetáculo precisa. Além disso ele tem uma mensagem. Mostra que as pessoas devem viver suas vidas, sem medo. Faça sua vida, rasgue tudo, não guarde nada, seja livre.*

Francisco — O seu espetáculo é proibido para menores, não é?

Lennie — *Para menores de 18 anos.*

Francisco — Por que você acha que a Censura deixou passar aquelas cenas de felação etc.?

Lennie — *Acho que eles deixaram passar porque não entenderam. Não deixaram passar uma coisa muito mais simples, a gente ficar nu numa ceninha rápida.*

Francisco — Você não acha que deixar passar cenas como aquelas seria apenas abrir válvulas de escape?

Lennie — *Não, porque não me deixaram ficar nu. O que é que tem que ver, não me deixaram ficar nu na peça, mas deixaram a gente mostrar que na cadeia os presos podem fazer o que todo mundo sabe mas não fala: cheirar pó, queimar fumo, transar uns com os outros, comprar a guarda...*

Francisco — E a sua relação com Madame Satã, no presídio, qual foi?

Lennie — *Eu estava entrando e ele saindo. Fui seu professor e, quando saí, ele me deu um livro, eu li, fiquei apaixonado e resolvi fazer um musical. Pretendo montar logo depois desse meu trabalho.*

Francisco — Quem faria Madame Satã?

Lennie — *Várias pessoas. Cada vez que alguém receber o chapeuzinho de Madame Satã, aquele chapéu branco, que ele usava, passa a representá-la. Tem vários quadros, desde que ela foi vendida, a troco de uma égua, até a prisão. O bordel, o jogo de futebol, o cassino da Urca, o Casanova, a Lapa, a Ilha Grande.*

Chrysóstomo — Precisamos ver isso no palco, urgentemente. Relembrar aquela figura humana sem medida, aquele cavaleiro andante. Ele é padrinho — ou será madrinha? — espiritual do *Lampião*.

Lennie (apoplético) — *Vou montar, vou montar!*

Chrysóstomo — Já escutei várias versões sobre o funcionamento dos dois Croquettes. Internamente quem era quem?

Lennie — *Nós acabamos por uma briga na Bahia, questão de bagunça interna. Mas era — e é — uma família unidíssima.*

Francisco — Isso de você dizer que era uma família, eu acho maravilhoso.

Lennie — *Sim, éramos uma família.*

Chrysóstomo — O Vagner Ribeiro seria a mãe, você o pai?

Lennie — *Assim mesmo.* (*Todos, em coro: "Isso é maravilhoso!"*)

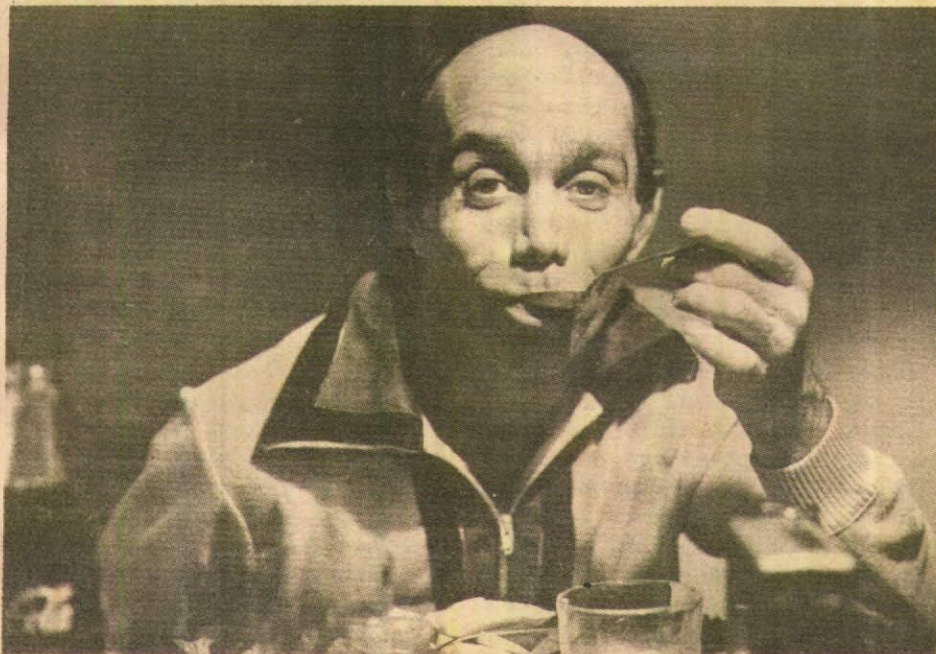
Francisco (*Mais calmo, depois dos olhos esbugalhados e outras manifestações de apreço e admiração*) — Nessa família havia uma estrutura patriarcal? Era o pai ou a *mãe* quem mandava?

Lennie — *Bom, eu, como pai, era mais tinhoso, dava mais ordens, punha os meninos pra trabalhar. Tinha de ensaiá-los, tudo isso.*

Francisco — Família. Parece coisa de máfia.

Lennie — *Tinha muito disso. Meus bisavós eram da Máfia. A mamma foi quem me ensinou as leis da Máfia.*

Chrysóstomo — Você briga bem?

Lennie — *Eu detesto violência, talvez porque tenha vivido sempre no meio dela. Mas posso andar na rua sozinho, sei perfeitamente me defender. Só que nunca precisei. Nem no Harlem, nem no tempo em que morei no morro do Cantagalo.*

(*Frisson* na platéia. Todos: "Você morou no morro do Cantagalo?")

Lennie — *Morei e me dei muito bem. Eu tinha um homem. Ele falou pra mim: vamos viver juntos, que eu sou do morro. Eu disse: então vamos. Eu o conheci na cadeia.*

João Antônio — Você participou de candomblés, no morro?

Lennie — *Agora sou de umbanda. Jair de Ogun.*

Chrysóstomo — Apesar de sua origem ítalo-americana e desse seu sotaque, você parece brasileiríssimo.

Lennie — *Olhe, quando eu estou sozinho, eu não falo assim, "Oh, my God", eu falo "Oh, meu Deus". É muito mais fácil hoje em dia eu me explicar em português do que em inglês.*

Francisco — Você faz análise?

Lennie — *Faço.*

Chrysóstomo — Há quanto tempo?

Lennie — *Há quatro anos. É ótimo. Não quero para nunca.*

Chrysóstomo — Isso tem te ajudado em alguma coisa?

Lennie — *Tem sim. É como fazer ginástica. Adoro fazer ginástica.*

Chrysóstomo — Te ajuda também na sua auto-aceitação como homossexual?

Lennie — *Não. Eu já me aceitava, antes da análise.*

Chrysóstomo — Então pra que a análise?

Lennie — *Eu quis me descobrir, quis saber coisas a meu respeito, queria explicar mais coisas sobre mim, sobre meu relacionamento, principalmente com as mulheres.*

Chrysóstomo — Já que você se relaciona tão bem com as mulheres, nunca pensou em casar, ter filhos?

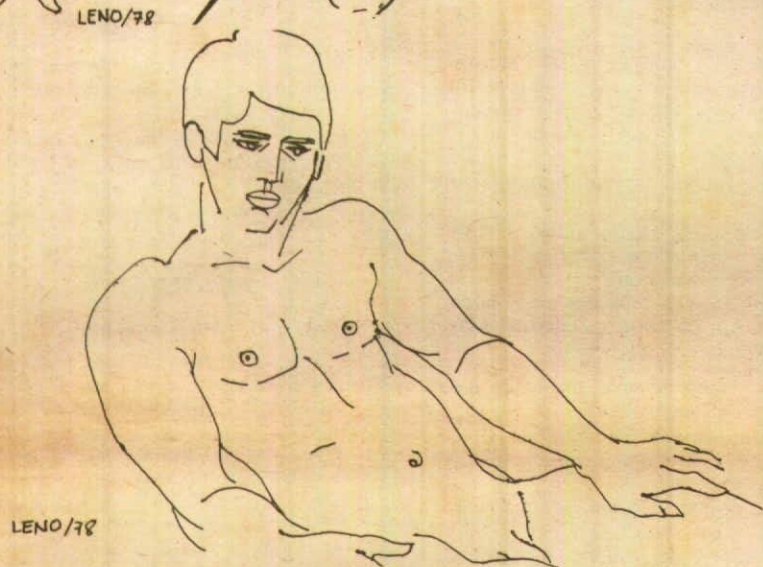
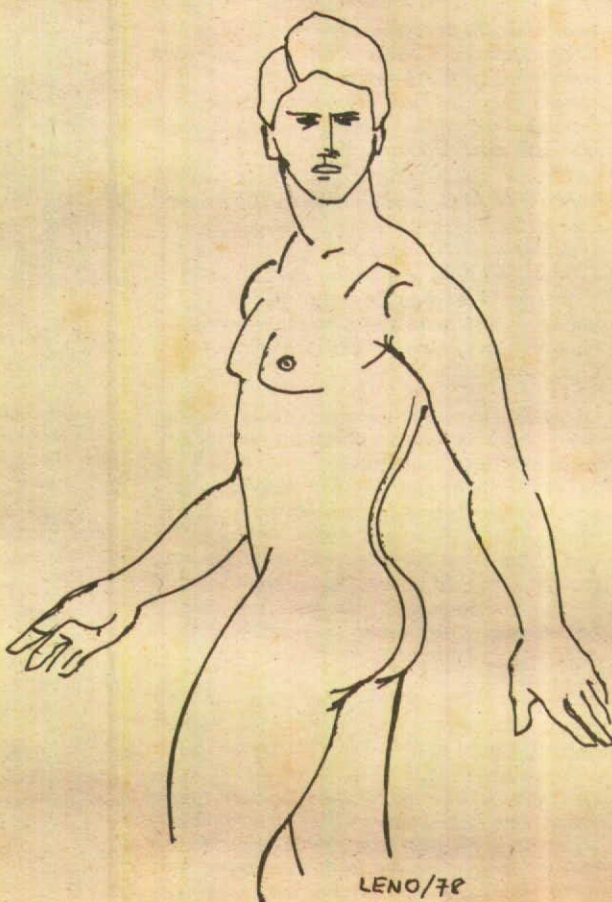
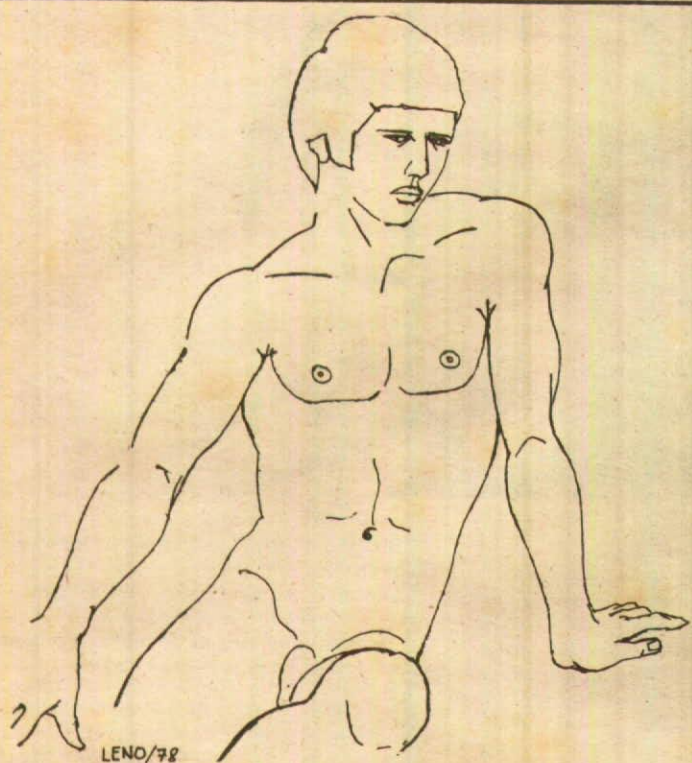
Lennie — *Casar não, nunca. Nem com homens, nem com mulheres. Eu sou muito prostituta. Agora, ter filhos, acho que é um pouco tarde para eu criar um filho. Tenho quarenta anos e estou muito acostumado a não ter nem casa fixa em lugar nenhum do mundo.*

Chrysóstomo — Tem alguns planos duráveis?

Lennie — *Pretendo ficar com esse espetáculo até o Carnaval, aqui no Rio. Depois vou tirar dois meses de férias, vou a Nova Iorque. Quero estrear no próximo ano aqui, no teatro Carlos Gomes, o musical sobre Madame Satã. Vou guardar todo o lucro da atual temporada para jogar nesse espetáculo do Satã.*

Chrysóstomo — Houve problemas com esse seu projeto, não foi?

Lennie — *O texto, meu e do Fernando Pinto, está pronto. Houve problemas de produção. Não queriam gastar dinheiro com um espetáculo sobre vida de um marginal. Mas agora achei alguém que gastou 2 milhões de cruzeiros para fazer um espetáculo sobre a minha vida. E eu me considero tão marginal quanto Madame Satã. Não é engraçado?*

Fotos de Maurício S. Domingues

Do outro lado da porta

Eu tinha lhe dito que era para não sair, com todo aquele frio e aquela chuva. Ouvia-se do lado de fora ránger de freios e gritos assustados de babás descuidadas. Ele não me escuta e me joga o livro de Shakespeare, manchando minhas mãos com o sangue de Macbeth. Horroriza-me a idéia de ter de calar e deixá-lo partir. Era sempre assim. As vezes ficávamos em casa a catalogar filmografias ou anotar nomes e frases dos hakaistas do período da grande guerra (aquela que aflorou o imenso cogumelo radioativo em Hiroshima).

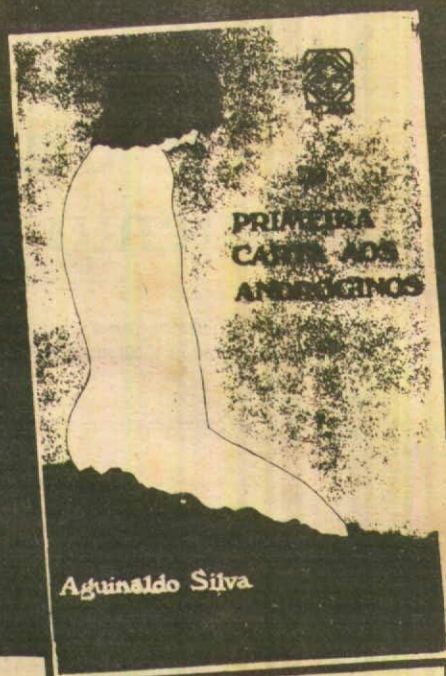
No verão costumávamos ir ao bar "Estrela do Norte" para umas partidas de sinuca e de cerveja. Então, quando já o levedo fermentava suas idéias, ele tomava às minhas mãos e roçava docemente seu nariz nos meus lábios, dizendo ser prisioneiro das conquistas do meu olhar. (Isso para espanto do proprietário e dos marginais).

Nunca pude entender direito as suas fugas repentinas no meio das festas. Quando a música embalava os casais num romantismo cinematográfico, ele deixava derramar seu Scotch, rolando os cubos de gelo pelo chão e abandonando o salão como se o anjo exterminador o convidasse a dançar. Procurava pensar que era pelo fato de uma claustrofobia social, mas sempre quando regressava solitário para casa, concluia ser pelo estado de dúvida que o amargurava.

Na primavera passada, sem dizer uma palavra ele retirou a mala de dentro do armário e começou a jogar as peças de roupas com uma fúria incontrolável. A camisa vermelha de jacarezinho, os tênis de basquete, as grossas meias de lã, a jaqueta de couro, um livro de poemas de Neruda e dois vidros de rum. Eu ali no umbral da porta, a olhá-lo com um sorriso sardônico para não chorar. Vi quando ele desceu as escadas de madeira e a síndica perguntar-lhe se ia para a capital. Corri até a janela ainda a tempo de vê-lo tomar o ônibus azul e acomodar-se na última poltrona.

Pelo Natal, recebi dele um cartão de "Boas Festas", sem remetente. Fiquei amofinado. Fechei as janelas, as portas e fiquei a olhar uma foto dele num álbum de tristezas. Os vizinhos me chamavam para sair, dizendo que havia sol, campeonatos de natação, concursos de misses e exposições de quadros, mas não saía. Ouvia os sinos da matriz chamando os fiéis, mas não saía. O presidente anunciava o fim da greve dos bombeiros, mas não saía. Uma banda tocava marchas marciais e crianças gritavam em côro, mas não saía. Os ratos começaram a roer o assoalho e ameaçavam entrar dentro de casa, mas não saía.

Até que um dia (eu, em atitude contemplativa, procurava mentalmente vislumbrar a magnitude que era os seus olhos nipônicos), ouvi a porta ranger pelas dobradiças enferrujadas e ele surgir como a figura bíblica do filho pródigo (apenas que não houve uma matança de carneiros nem transbordavam as bilhas de vinho para celebrações da volta). Ele me perguntou o que fazia, enquanto andava pelos campos, moldando as suas arestas para melhor me amar. Lembro que caíram algumas gotas d'água pela minha camisa empoeirada, que infantilmente disse ser goteiras.

Hoje ele mora comigo. É o mesmo quarto, a mesma estante curvada pelo peso dos livros, o mesmo retrato dos Beatles, uma gravura surrealista e a trindade de Orozco, camponês, soldado e operário. Ele insiste em dormir na sala, gelando meus desejos com suas frases sanscritas, enquanto eu rasgo o silêncio das manhãs, abraçando o vazio e preparando-lhe o café antes de sair para o trabalho.

M. ROCHA

Estão querendo convergir. Para onde?

Na semana de Convergência Socialista, em São Paulo, a palavra "homossexual" só foi pronunciada uma única vez: o presidente da Mesa apenas sussurrou-a e quase se engasgou, como se dissesse um palavrão.

João Silvério Trevisan

De 24 a 30 de abril, parece que ocorreram ventos dispersores favoráveis em São Paulo, mas não o suficiente para baixar o índice de poluição. Falo de ventos e poluição política. Aconteceu a semana do Movimento de Convergência Socialista, organizada pela revista Versus, visando a elaboração da plataforma de um possível Partido Socialista Brasileiro. Discutiram-se problemas como Anistia, Constituinte, liberdades sindicais e a necessidade de um Comando Geral dos Trabalhadores — entre outros assuntos do dia. Mas o que houve de realmente inesperado foi a inclusão, no temário, dos problemas relacionados com as chamadas "minorias" (denominação comumente empregada para caracterizar grupos cuja opressão não depende exclusiva ou diretamente da produção voltada para o lucro): mulheres, negros, índios e homossexuais.

Inicialmente, tal fato não deixa de ser surpreendente e, por que não?, alvissareiro. Mas se essas lutas "específicas" foram teoricamente consideradas significativas para o advento do socialismo, no decorrer do encontro ficou patente a distância entre as propostas e as realizações. Tudo porque, nestes anos de purgatório, nossas esquerdas não conseguiram se aparelhar ideologicamente para acompanhar uma realidade brasileira eivada de novas contradições. Basta lembrar algumas ratas ocorridas na sessão final.

Num encontro que propunha como prioritária a luta do proletariado, a mesa estava composta de três jornalistas (entre os quais uma mulher), um professor universitário e um vereador. Após o início dos trabalhos, houve um ligeiro rebolico, sendo então solicitada às pressas a presença de um "companheiro operário" à mesa. Além de que, a mulher ali presente estava, evidentemente, cumprindo a famigerada função de secretária e, quando suas anotações precisavam ser lidas, era um homem de voz fria e grave quem fazia a leitura. À mesa, não estava presente um único negro ou (folclore à parte) um índio. Nem nada levava a crer que, entre as cinco pessoas que presidiam a reunião pudesse haver um representante dos homossexuais. Tal fato se confirmava a cada vez que o presidente se referia às minorias: citava enfaticamente as mulheres, os negros, os índios e "aqueles que são vítimas da repressão sexual" (!).

A palavra homossexual foi pronunciada uma única vez: o presidente apenas sussurrou-a e quase engasgou, como se dissesse um palavrão. Acho que havia um espinho encravado em suas gargantas. Já nas reuniões preparatórias, a inclusão de um homossexual na mesa, ao lado de representantes das outras "minorias", provocou protestos; um determinado grupo, inclusive, ameaçou retirar-se caso isso se efetivasse. Resultado: os homossexuais acabaram não presentes à mesa. Mas tudo se complicou quando, durante a semana, uma bicha atrevida pediu a palavra e leu uma moção em defesa dos direitos dos homossexuais (*ver abaixo*). É verdade que houve reações de simpatia na assembléia, que estava cheia de artistas; mas também teve gente que se retirou dizendo que viera participar, antes de mais nada, de uma reunião de machos.

Compreeende-se tanta fobia: é como meter a mão num vespeiro. Por exemplo: eu me pergunto como é que os operários brasileiros reagirão ante a idéia de trabalhar politicamente com bichas declaradas. Se o homossexualismo só pode existir veladamente no meio operário, o machismo é um valor apregoado — sabemos que ambos perpassam todas as classes. Ora, a produção organizada em bases capitalistas e lucrativas fomenta a supremacia do macho, por necessitá-la. Basta lembrar a situação — limite da mulher operária que, indiretamente, garante a estabilidade da mais-valia: o patrão não precisa pagar a jornada de trabalho inteiramente gratuita que ela exerce dentro de casa; cuidando do lar e dos filhos, e servindo (via de regra) como objetivo sexual para revigorar o macho, a mulher proletária permite que seu marido tenha disponibilidade total para a produção. Ora, a homossexualidade vem subverter o núcleo familiar, ao abalar as relações heterossexuais — procriativas, e ameaça as estruturas patriarcais de produção (capitalista ou não) necessitadas de mão-de-obra e voltadas para o lucro. Associar homossexualidade e proletariado é ou não um vespeiro?

Também constatei um tom de súplica quando representantes das mulheres e dos negros dirigiram-se à assembléia afirmando que pretendiam auxiliar na "luta maior". Uma oradora, inclusive, defendeu a idéia de se criar um Departamento Feminino para se debater aí o programa da mulher. "Podem ficar tranqüilos que não queremos lutar contra os homens", terminou ela, sob os aplausos de uma assembléia aliviada. A mesa olhava complacentemente, ouvindo pela milionésima vez a afirmação ingênua de que os problemas das minorias (e as mulheres lá são minoria?) desaparecerão automaticamente com o advento de uma sociedade sem classes. Eu repetiria pela milionésima vez: consultem-se as sociedades socialistas para confirmar que eles foram erigidas a partir da supremacia dos machos.

A repressão sexual da esquerda patriarcal é um fato a ser denunciado. Enquanto estive nessa reunião da Convergência, só ouvi uma vez a palavra "lazer". Certamente porque não produz lucro, o prazer deixa de ser considerado prioritário para nós os humanos. Sua inutilidade básica sempre foi uma pedra no sapato das esquerdas. Já os próprios trabalhadores reclamam que intelectuais e patrões os tratam da mesma maneira: apenas enquanto máquinas que vendem sua força de trabalho. E o direito ao orgasmo, quando será reivindicado para a classe operária? Não é a energia sexual, conforme canalizada pelos padrões repressores da sociedade um dos pilares do poder constituído?

Acho que os ventos ainda não foram suficientes para dissipar a desconfiança quanto às intenções meramente eleitoreiras do populismo (agora disfarçado?) que viciou a esquerda brasileira. Só os questionamentos novos e atrevidamente heterodoxos evitam a poluição do poder. Afinal, a história humana se constrói de paradoxos, porque fundamentalmente os indivíduos são refratários à domesticação. (Que os confirmem os senhores Quércia e Lula, um vaiado e o outro criticado pelos operários no último Primeiro de Maio) Convergir, só mesmo em igualdade de condições, meus amigos!

Uma bicha atrevida pede a palavra...

(Moção apresentada no encontro da Convergência Socialista, em São Paulo)

No momento em que se discutem amplamente as questões relativas às lutas democráticas no país, não é possível esquecer as lutas das minorias discriminadas. Essas discriminações ocorrem não só no plano institucional como social, moral e sexual. Discriminado moral e socialmente, resta ao homossexual reprimir seus legítimos anseios, fazendo de sua frustração pessoal e moral a frustração de sua participação na produtividade social e coletiva, identificado com o geral da sociedade. Aqueles que, contrariando todas as regras, resolvem assumir-se publicamente, são atirados à mais aviltante situação para a própria sobrevivência: a prostituição. Outros, que conseguem sair dessa situação espúria, apenas são admitidos no rol da sociedade burguesa e capitalista como profissionais liberais do supérfluo e da futilidade: cabeleireiros, costureiros, decoradores, atores, etc.

A questão do homossexualismo masculino e feminino salta neste momento como questão fundamental a ser reconhecida como uma das lutas democráticas, que tem características próprias mas não se afasta da luta mais ampla pela reformulação da moral sexual brasileira, seja hetero ou homossexual, por todos aqueles que acreditam na possibilidade de uma sociedade mais justa e democrática. Os homossexuais, vítimas de um sistema discriminatório, reacionário e intolerante esperam da Convergência Socialista a acolhida de sua luta. Confiamos em que o socialismo, que pretendemos seja um sistema equitativo, aberto e democrático que tenha o ser humano como peça fundamental independente de sua sexualidade, traga em seus fundamentos o necessário elemento democrático que permita a todos as mesmas possibilidades.

opinião pública na TV

Num domingo de junho, durante 20 minutos, a TV-Globo, em Fantástico, o Show da Vida, apresentou uma pesquisa sobre questões sexuais. Mais precisamente:

1º — educação sexual nas escolas primárias (86,3% a favor; 13,7% contra, entre os quais o atual Ministro da Educação, Sr. Euro Brandão);

2º — resultados de uma pesquisa do IBOPE, em nove cidades do País, sobre a moral do brasileiro, em que foram feitas as seguintes perguntas:

a. — Onde deve ser discutido o sexo? 39% — só em casa; 42% — livremente, em casa, na escola e nas ruas; 8% — em nenhum lugar;

b. — Você acha que deve haver relações sexuais antes do casamento? 35% — não; 26% — sim; mas só para os homens; 38% — sim, tanto para os homens quanto para as mulheres;

c. — Que deve fazer a mulher solteira que engravida? 63% — ter o filho; 31% — a decisão cabe só à gestante; 5% — provocar aborto (na TV "tirar o filho"; "aborto" — parece — é palavra proibida);

d. — Que atitude devem tomar os pais da mulher solteira que engrávida? 1% — expulsar a filha de casa; 9% — obrigá-la a casar-se com o pai da criança; 88% — ampará-la em tudo que for possível;

3º — um assunto que o apresentador considerou muito polêmico: a utilização da pílula anticoncepcional; 70% — a favor; 27% — contra; mudaram, porém os percentuais quando a pergunta modificou-se para "Qual deve ser a atitude dos pais ao descobrirem que a filha solteira toma a pílula?" 19% — os pais devem permanecer indifernetes; 29% — concordar com a atitude da filha; 45% — não admitir que a filha tome a pílula;

4º — uma questão classificada, no Fantástico, como ainda mais polêmica que a anterior: o homossexualismo. Este ponto mereceu menos de dois minutos do programa e praticamente limitou-se a fornecer as respostas à pergunta: "O que o brasileiro pensa sobre o homossexualismo, tanto do homem como da mulher?" 25% — uma doença; 18% — produto do desajuste do mundo de hoje; 19% — culpa da falta de orientação dos pais; 11% — falta de vergonha. A única observação foi a de que mais de metade das pessoas ouvidas achou o homossexualismo muito chocante, especialmente o masculino.

Evidentemente, não há aqui espaço para discutir as reações dos entrevistados. Deve-se lamentar a inexistência de debates dos problemas expostos, mas não podemos responsabilizar a emissora pela ocorrência; a culpa cabe à rigorosíssima censura que pesa sobre a rádio e a televisão.

Levando-se em conta a democracia relativa em que vivemos, creio que a TV-Globo merece ser cumprimentada, pois teve o mérito de salientar, em suas muito medidas ponderações, a importância do combate aos preconceitos, a tônica do programa. Assim, o apresentador declarou que a pesquisa encomendada provou que "a maioria dos brasileiros já está assumindo uma posição equilibrada, cautelosa, realista, a respeito de assuntos que antes eram vistos com escândalo, com repugnância e, acima de tudo, com muito preconceito, embora sejam profundamente importantes para todos nós".

Ao final, durante três minutos, falou Maria Fernanda, que com muita verve e total autenticidade, transformou os comentários em verdadeiro apelo a uma tomada de consciência dos telespectadores.

Após deduzir que estamos evoluindo, apesar de ainda haver muita "treva, ignorância, medo, incompreensão, incultura e desinformação", frisou que "há gente que, só porque enxergou dez anos na frente, foi sacrificada na fogueira". Declarou acreditar que está começando a haver uma revolução, uma revolução de mentalidade, e que "isso é bom, porque cada pessoa que aprende a viver com grandeza, a agir com grandeza, a julgar com grandeza, é mais uma pessoa que entra para a lista daqueles que podem melhorar o mundo."

Estamos aí, Maria Fernanda. LAMPIÃO pretende contribuir para o crescimento da lista.

João Antônio Mascarenhas

Uma entrevista que ninguém ousou publicar

Leyland fala sobre atuação política

Nas mais progressistas livrarias dos Estados Unidos, seja numa cidade menor como Eugene, seja na monstruosa Nova Iorque, pode-se comprar por Cr$ 15 o exemplar de um jornalzinho Gay Sunshine. *Encontram-se nele desde entrevistas com artistas e escritores conhecidos, poemas, contos, críticas de livros, até narrações de viagens, artigos de análise teórica, material de pesquisa histórica e mesmo delicados desenhos que muita gente consideraria pornográficos. Tratar-se-ia de um jornal literário comum se tudo isso não se referisse especificamente aos homossexuais. De fato, pode-se notar na capa, em letras menores e quase como um sub-título: "um jornal de liberação dos homossexuais".*

Considerado o mais antigo jornal homossexual americano em circulação, o Gay Sunshine *começou a ser publicado em 1970, com uma tiragem relativamente pequena de oito mil exemplares. Hoje, calcula-se que tenha por volta de 25 mil leitores não apenas americanos. Seu sucesso cresceu à medida que se consolidava o Movimento de Liberação dos Homossexuais, dentro das lutas em favor dos Direitos Humanos, nos Estados Unidos.*

Foi assim que, nos últimos três anos, Gay Sunshine Press passou a lançar também livros relacionados com a questão homossexual. Tudo de uma maneira ainda modesta mas inegavelmente enraizada na realidade americana. Por isso, mesmo com edições iniciais de apenas três mil exemplares, a Gay Sunshine Press tornou-se uma das mais bem sucedidas editoras do movimento de contracultura nos Estados Unidos. Por exemplo, seu guia para a vida sexual e conscientização do homossexual, Men loving men, *entrou em terceira edição no prazo de um ano. Já tem publicadas outras obras, como várias antologias de poesia americana e uma especialmente de poetas homossexuais mouros da Andaluzia Medieval. Entre seus próximos planos, encontra-se uma Antologia de poesia e prosa latino-americana, com lançamento previsto para 1978.*

Winston Leyland, diretor-editor da Gay Sunshine Press, veio visitar o Brasil especialmente para estabelecer contatos e levantar material a ser incluído na Antologia. João Silvério Trevisan e James Lavender estiveram algumas horas com ele e realizaram a presente entrevista, na cidade de São Paulo. Para uma eventual publicação, foi contactado primeiro o jornal Movimento; *seu editor respondeu que a matéria não interessava, por ser muito longa; poderia publicar parte dela, mas infelizmente o jornal andava sem espaço. Em seguida, procurou-se a revista* Versus; *resposta do editor: "A entrevista pode criar problemas com o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, com o qual estamos colaborando politicamente; além do mais, somos moralmente contra a matéria em questão". Por fim, a entrevista acabou chegando às mãos de um dos editores do jornal* Beijo, *que inicialmente manifestou interesse em publicá-la. Três meses depois, entretanto, a matéria foi devolvida com a resposta de que não era considerada prioritária para o jornal.*

JST — *Qual o interesse que os americanos teriam numa antologia como essa que você está preparando? Como já tivemos o precedente de Carmem Miranda, existe sempre o receio de que isso também acabe passando para os americanos a idéia de uma América Latina exótica, ao nível do consumo turístico.*

LEYLAND — Eu teria a dizer, antes de mais nada, que nos últimos quatro ou cinco anos o *Gay Sunshine* vem publicando artigos de interesse cultural e literário sobre homossexuais de várias partes do mundo, não apenas da América Latina. Já publicamos, por exemplo, entrevistas do japonês Mutsuo Takahashi e do francês Jean Genet, assim como ensaios sobre escritores russos do começo do século. Além disso, tenho um interesse pessoal pela América Latina, de modo que pensei recolher material especialmente existente aqui, sem sequer imaginar o que poderia encontrar. Acredito que meu interesse pela Antologia advém também do fato de que a literatura latino-americana é muito insuficientemente conhecida pelos americanos, por haver pouca coisa traduzida nos Estados Unidos — apenas alguns nomes mais importantes.

Por outro lado, o homossexualismo na literatura latino-americana é realmente uma *tierra incógnita* para nós americanos. Isso não é de estranhar, porque no mundo todo a literatura homossexual é muito pouco conhecida e nos Estados Unidos apenas começa a ser divulgada. Só agora estamos publicando livros de temática homossexual; acaba de sair, por exemplo, um livro sobre a presença do homossexualismo na literatura americana dos últimos cem anos, além de coleções de contos homossexuais lançadas por grandes editoras de Nova Iorque. Hoje, acho que existe um inegável interesse sobre literatura de qualidade que trate de assuntos homossexuais e reflita uma tomada de consciência do pessoal *gay*.

Comecei a pensar no projeto dessa Antologia quando visitei o México, há três anos. Investiguei ligeiramente o possível interesse que as pessoas teriam em participar e o tipo de material disponível. Descobri que existia matéria suficiente para fazer um número especial do *Gay Sunshine* e para a Antologia. Incluí o Brasil no meu roteiro atual porque é um país grande e de tradição literária muito rica, além de já ter contatos pessoais aqui. Eu conhecia um pouco sobre o homossexualismo no artigo publicado no *Gay Sunshine*.

JST — *E por que não a Argentina e Colômbia? É sabido que a Colômbia tem uma vida homossexual muito intensa.*

LEYLAND — Com relação à Argentina, tenho a impressão que houve um endurecimento ainda mais violento que no Brasil. E lá, especificamente contra os homossexuais. A maioria dos militantes da *Frente de Liberación Homosexual Argentina* mudou-se para a Espanha, de modo que meus contatos estão agora exilados. Na Colômbia também não tenho contato direto com ninguém, e isso dificulta tremendamente o trabalho de pesquisa.

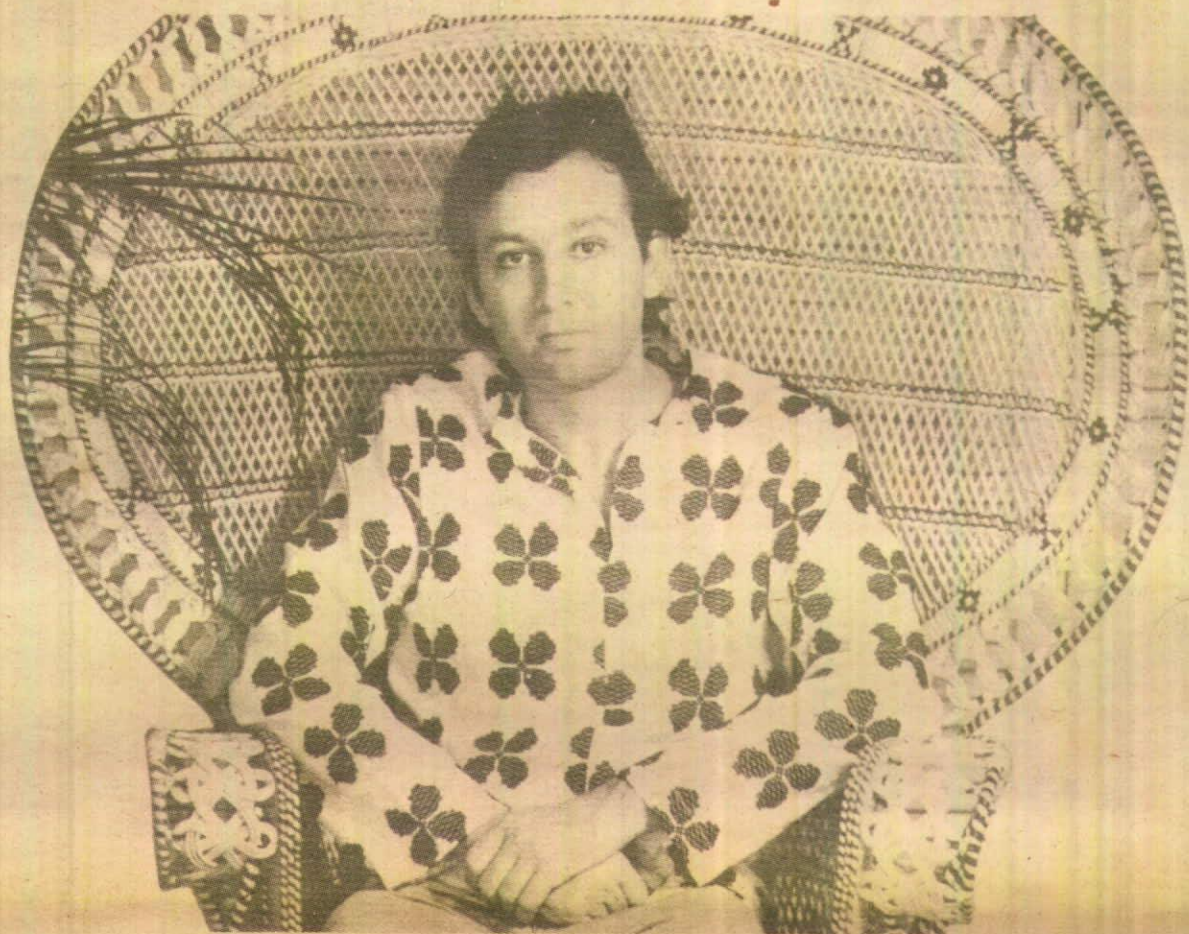
JST — *O Gay Sunshine tem publicado inúmeras entrevistas com artistas homossexuais. Em geral eles se mostravam receptivos à idéia de se exporem publicamente como homossexuais?*

LEYLAND — Sim, têm sido geralmente muito receptivos. Começamos essa série de entrevistas em 1974, com Allen Ginsberg. Contactei primeiro as pessoas que sabia serem mais receptivas. Depois das primeiras publicações, certos autores que inicialmente teriam problemas puseram-se mais à vontade e aceitaram. Os primeiros que procurei foram Allen Ginsberg, Harold Norse, Christopher Isherwood. Depois, entrevistei também William Burroughs, John Rechy, Tennessee Williams, os compositores Ned Rorem e Lou Harrison, Mutsuo Takahashi, Jonathan Williams, Charles Henri Ford, Gore Vidal, o poeta nova-iorquino John Giorno, etc. As entrevistas de Norse, Ginsberg e Isherwood me pareceram especialmente importantes porque eles falaram sobre a integração de sua sexualidade com sua criação literária, e os problemas aí encontrados de que maneira, enfim, a tomada de consciência de sua homossexualidade afetou seu trabalho. Acho que essas entrevistas têm um sentido muito positivo porque ajudaram muita gente a se assumir enquanto homossexuais. Por isso, foram reunidas num livro. Trata-se do projeto mais ambicioso de nossa editora.

JST — *Você acha que assumir a homossexualidade implica em mudanças profundas na vida pessoal?*

LEYLAND — Acho que ocorrem mudanças importantes, especialmente na maneira de se relacionar com os outros. A tomada de consciência do indivíduo a respeito de sua sexualidade implica, por exemplo, em relações sexuais mais profundas. Não estou com isso negando a promiscuidade: acho que os encontros sexuais breves e passageiros que todos nós temos são antes de mais nada saudáveis e basicamente positivos. Mas penso que um crescimento na consciência do homossexual leva também à exigência de relações mais profundas — que não significam necessariamente a prática da monogamia, pois acho que as pessoas podem ter ou não vários amantes ao mesmo tempo. Por outro lado, a descoberta que o homossexual faz de si mesmo enquanto ser oprimido leva-o a tomar consciência da opressão que outros grupos minoritários sofrem. No caso americano, em comparação com os negros e latinos os homossexuais têm sido oprimidos *internamente* por uma força que vem *de fora*, e muitos dentre nós não chegaremos a compreender isso enquanto não crescer o nosso grau de consciência de oprimidos. Um exemplo: nos Estados Unidos ainda encontro homossexuais que, por serem extremamente bem sucedidos na vida e no trabalho, dizem: "Ah, eu nunca fui oprimido, nem nunca tive qualquer problema por ser 'entendido'. Isso absolutamente não é verdade!

JST — *A opressão (velada ou não) da sociedade heterossexual muitas vezes gera um ódio surdo nos homossexuais. Você não acha que esse sentimento poderia evidenciar já uma primeira tomada de consciência enquanto ser oprimido?*

LEYLAND — Eu acho que nos meios de contra [illegible] tem ocorrido uma [illegible] ao sistema. Isso também é verdade quanto a um a contra cultura de teor homossexual. Nós estamos apenas reagindo contra a estrutura que nos oprime. Eu pessoalmente não tenho raiva dos heterossexuais. Mas dentro de uma perspectiva de liberação, acho que, para obter uma maior consciência enquanto homossexual, é melhor para um homossexual se relacionar mais com outros homossexuais. Ou seja: a almejada conscientização do homossexual certamente não irá acontecer através da relação com os heterossexuais. É mais lógico que a descoberta da identidade homossexual ocorra numa interação com outros homossexuais. De qualquer maneira, não desejo fazer uma afirmação demasiadamente rigorosa, porque existem heterossexuais que são simpáticos e abertos frente aos "entendidos"; com eles, pode-se ter uma relação em pé de igualdade. Mas acredito, por exemplo, que os negros basicamente só podem chegar a se orgulhar de si mesmos e aumentar sua auto-identificação quando se relacionam entre si e não através de um relacionamento com os brancos. En-

"Purismo ideológico é isso: eles nos olham com descaso"

tretanto, isso não impede que eles mantenham boas relações com os brancos que sejam abertos e simpáticos à sua causa.

JST – *A verdade é que certos heterossexuais — sobretudo entre os que se consideram politicamente progressistas — não acham necessário um movimento especial de liberação dos homossexuais. Isso não seria já em si uma forma velada de opressão aos homossexuais?*

LEYLAND – Bem, o que posso dizer é que qualquer interesse em descobrir as razões e a natureza da liberação homossexual. Ou então, eles se mostram apenas tolerantes, de uma maneira paternalista. Um perfeito exemplo disso: existe nos Estados Unidos um velho grupo de orientação trotskista, o *Socialist Workers Party*; trata-se de um dos poucos grupos da velha esquerda que tem sido simpático ao movimento homossexual, no sentido de publicar matéria a respeito; mas sua atitude parece-me mais condescendente do que motivada por uma perfeita compreenssão; eu diria que é uma atitude de certo modo oportunista... Assim também, muitos intelectuais heterossexuais nunca manifestaram uma total compreensão a respeito do problema da liberação dos homossexuais, seus motivos e necessidades; alguns sim, mas a maioria não. A Nova Esquerda americana também tem sido condescendente com certos homossexuais que pretendem participar do movimento socialista, enquanto homossexuais.

JST – *Isso tem acontecido recentemente?*

LEYLAND – Nos últimos três ou quatro anos. O problema é que esses homossexuais socialistas acabam se dando conta da atitude apenas condescendente da Nova Esquerda e então deixam de colaborar politicamente dentro dos grupos existentes.

JL – *Apesar disso, parece-me que nos Estados Unidos ainda existem muitos homossexuais esquerdistas que continuam atuando dentro de grupos heterossexuais socialistas, na medida que esses grupos reconhecem a existência de uma opressão específica contra os homossexuais. Eles aceitam trabalhar com tais grupos porque ainda acham que existe uma conexão entre a opressão ao homossexual e outros tipos de opressão social.*

LEYLAND – Mas isso é diferente. Eu acho que é muito difícil a participação dos homossexuais enquanto homossexuais dentro de grupos políticos *discriminatórios*. Uma coisa é trabalhar politicamente como indivíduo, outra coisa é trabalhar como parte de um grupo. Na minha opinião, francamente, é contraproducente e uma perda de tempo os homossexuais trabalharem politicamente dentro de grupos heterossexuais, enquanto indivíduos homossexuais. Acho que é muito mais necessário que os homossexuais se organizem a si mesmos enquanto grupo e assim colaborem com grupos socialistas heterossexuais.

Mas eu acredito que tenho também críticas a fazer a certas atitudes dos próprios homossexuais de esquerda. Tanto eu San Francisco quanto em outras partes dos Estados Unidos – guardadas as diferenças – eu acho que eles são muitas vezes demasiadamente puristas, de um ponto de vista político. Por exemplo, mostram-se hostis ou indiferentes ao *Gay Sunshine* porque acham que não somos tão políticos quanto eles gostariam e que não estamos publicando tanto material político quanto eles desejariam. Eu acho que parte dessa gente está simplesmente alienada da realidade americana. Gostaria que eles me explicassem o que significa ser politicamente puro ou correto; receio que "ideologicamente puro" seja, para eles, todo aquele que seguir *exatamente* a linha política deles. Eu não concordo com os homossexuais socialistas que tomam tal atitude. Além do mais, acredito que muitos deles não têm nenhum conhecimento da literatura homossexual. Estão apenas interessados em política relativa ao homossexual, sem qualquer contacto com a criação homossexual. Nesse sentido, são esnobes e elitistas. E chegam mesmo a se dizer parte de um pequeno grupo, de uma vanguarda... Para mim, chegar a esse ponto significa tornar-se um pouco desumano!

Claro que isso é verdade não apenas sobre os homossexuais esquerdistas, mas também em relação aos heterossexuais. Purismo ideológico é isso: eles olham com descaso para a gente, dizendo que estamos publicando apenas literatura e entrevistas, consideradas coisas menos importantes do que o trabalho de organização política que eles desenvolvem. Ora, isso simplesmente não é verdade. O que nós estamos fazendo tem muita importância política, se o que conta é influenciar a consciência das pessoas.

JL – *Mas é também verdade que a consciência individual em si não irá libertar os homossexuais. Como é que você ligaria então a literatura, que pode modificar as consciências individuais, com um movimento mais coletivo de liberação?*

LEYLAND – Antes de mais nada, uma liberação coletiva deve começar por uma liberação ao nível do indivíduo. Vou dar um exemplo: em San Francisco eu conheci um homossexual socialista muito ativo, brilhante e inteligente que acabou perdendo o contacto com sua realidade; de fato, ele se tornou tão purista, de um ponto-de-vista político, e tão intransigente consigo mesmo e com os outros que lamentavelmente acabou se suicidando. Acho que se trata de um caso muito triste de intransigência política.

Mas no caso o homossexual de esquerda acaba por se tornar muito intolerante graças ao seu purismo ideológico. Bem, não pretendo aqui menosprezar essas pessoas, que são sem dúvida corajosas e dedicadas, mas acho importante que tenham uma perspectiva mais ampla das coisas. Para ser realmente eficaz na ação política, uma pessoa precisa antes de tudo adquirir um certo grau de consciência a respeito de si mesma e inclusive uma certa capacidade de tolerância com relação às pessoas que não têm pontos de vista exatamente iguais aos seus. Está claro que não se deve abandonar o senso crítico. Mas acho que certos esquerdistas, homossexuais ou hetero, não têm essa capacidade de tolerância, talvez por serem demasiadamente jovens.

JST – *Concordo que a atuação política deve acompanhar-se de um desenvolvimento individual. Tem muita gente que se afunda na militância política porque isso os ajuda a se distanciarem de si mesmos. Trata-se de uma alienação...*

LEYLAND – Eu acho que, às vezes, muitos esquerditas fazem política como se participassem de um religião. E criam uma separação entre a política e a vida real, quando me parece fundamental haver integração entre ambas. Quero deixar claro que, não obstante essas críticas, eu me julgo basicamente um homem de esquerda, tanto nas idéias políticas quanto na prática. E entretanto, veja; recebo cartas de gente do país inteiro me contando como o jornal é importante para eles; mas posso dizer que muitos homossexuais esquerdistas de San Francisco me dão pouquíssima ou nenhuma força, pois mais ou menos ignoram o jornal.

JST – *Gostaria de perguntar-lhe algo mais pessoal, se isso não o molesta: como é que você assumiu sua homossexualidade? Foi um processo difícil? Que problemas você encontrou?*

LEYLAND – Na verdade, só fui assumir minha homossexualidade relativamente tarde. Isso porque passei minha juventude no seminário, onde me encontrava envolvido unicamente em estudos escolásticos. Tenho hoje 37 anos. Apesar de anteriormente já estar consciente de ser um homossexual, só depois dos 27 anos fui me sentir inteiramente à vontade com minha homossexualidade. Na época em que resolvi assumir esse fato, comecei também a lutar contra a guerra do Vietnã, indo participar ativamente nas demonstrações de protesto. Minha consciência política tinha amadurecido. Em 1968/69, ouvi falar dos grupos de liberação dos homossexuais que estavam se formando, e me interessei de imediato pelas idéias que então começavam a circular. Era ainda o início do Movimento Homossexual nos Estados Unidos. Por essa época, eu já era consciente e abertamente homossexual.

JST – *Como é que foi a relação entre isso tudo e sua vida religiosa?*

LEYLAND – Um dos motivos pelos quais deixei o sacerdócio católico foi exatamente porque eu teria que continuar reprimindo minha sexualidade caso permanecesse padre; e eu não queria mais isso. Havia também um motivo político. Eu achava que não poderia exprimir totalmente a minha criatividade e os meus pontos de vista políticos se permanecesse dentro dessa estrutura tão rígida e tão neurótica. Minha posição teológica na época não era nada reacionária; pelo contrário, bem radical. Assim, quando deixei o sacerdócio, não sofri nenhuma crise consequente de sentimento de culpa ou medo ao pecado. Para isso, foi muito importante meu contato com teólogos avançados como Daniel Barrigan, que participava ativamente do movimento contra a guerra do Vietnã.

JL – *Tenho impressão que ele também é "entendido".*

LEYLAND – É, foi o que ouvi dizer.

JST – *Parece que em geral os homossexuais americanos não gostam tanto das relações de amor mais prolongadas, preferindo as relações rápidas e variadas, meramente restritas ao sexo. O que você acha disso? Acredita que o amor homossexual seja possível?*

LEYLAND – Bom, acredito que alguém, suficientemente consciente de suas relações, será capaz de conhecer suas próprias necessidades dentro dessas relações. Assim, tem gente que realiza suas necessidades quando vive a dois. Discordo da condenação que certa parte da esquerda homossexual lança sobre as relações monogâmicas. Acho que têm razão em criticar o casal homossexual que está imitando a monogamia dos heterossexuais – onde existem papéis rigidamente definidos. Mas se duas pessoas querem viver juntas por alguns anos e até mesmo serem monogâmicas se assim o desejarem, eu acho que está bem, desde que consigam evitar os estereótipos sexuais e tenham consciência do perigo de cairem neles.

Por outro lado, muitos homossexuais preferem mais os encontros e relações passageiras, ou então preferem manter relações afetivas com duas ou três pessoas ao mesmo tempo; isso me parece igualmente bom, contanto que não se torne um padrão tão rígido quanto a monogamia – ou seja, a promiscuidade levando continuamente de pessoa a pessoa sem nunca sair disso. É bom, de vez em quando, opor resistência à promiscuidade.

JST – *Você acha que existem alternativas para os casais homossexuais, de tal modo que possam se relacionar sem copiar modelos heterossexuais?*

LEYLAND – Eu acho que viver a dois é mais fácil para nós "entendidos" do que para os outros. Mesmo o casal homossexual monogâmico no sentido mais tradicional pode se separar mais facilmente do que um casal heterossexual, que tem filhos e se encontra aprisionado por pressões familiares. Por isso, parece-me que é mais fácil para os homossexuais manterem diferentes tipos de relações, e começarem relações novas quando sentirem que as velhas ligações não estão funcionando mais. O importante é que, em qualquer coisa que fizer, a gente satisfaça as necessidades pessoais. Se não estamos satisfazendo as próprias necessidades, não creio que nossa ação possa ser realmente verdadeira.

Isso vale também em relação aos casos de amor, onde é necessário tentar afastar-se dos padrões neuróticos de relacionamento. É bom ser promíscuo; mas ainda aí deve-se evitar os modelos neuróticos de comportamento. É fácil demais a gente ir de cama em cama. Talvez seja bom fazer isso durante um tempo, mas não me parece bom que a gente atravesse décadas e chegue aos cinquenta anos fazendo apenas isso. Para alguém que chega do interior e tenha vivido uma vida muito reprimida, talvez seja muito saudável ser promíscuo por alguns anos, para ajudar a se desinibir e abrir-se sexualmente. Mas fazer disso um estilo de vida, permanecendo unicamente nesse padrão de relacionamento sem chegar a uma proposta mais produtiva, pode significar um enorme desgaste de energia e tornar-se uma situação auto-destrutiva.

JST – *Você acha que nos últimos anos houve mudanças efetivas no comportamento dos homossexuais americanos, graças à existência do Movimento de Liberação?*

LEYLAND – Claro. As pessoas receberam influências em diversos graus e de diferentes maneiras. Algo como a enorme passeata contra Anita Bryant, em San Francisco, reunindo tantos homossexuais de diferentes estilos provavelmente não teria sido possível sem o trabalho desenvolvido pelo Movimento Homossexual nos últimos seis ou sete anos. Você não tem impressão que uma passeata de 200 mil pessoas exerce um tremendo impacto sobre aqueles homossexuais que estão lutando para se aceitarem? Isso transmite uma imagem muito positiva. Outo exemplo: certa vez quando fui fazer entrega do *Gay Sunshine* a uma loja de material pornográfico em Los Angeles, um rapazinho que trabalhava ali me disse: "O *Gay Sushine* foi o primeiro jornal homossexual que eu li antes de me desenrustir." Acho isso muito importante: a primeira coisa que esse rapaz leu foi um jornal que continha uma imagem positiva do homossexual, e não uma dessas horrorosas revistas de morbidez. Bom, isso tudo não teria sido possível sem o Movimento Homossexual, que influenciou até os meios de comunicação; graças a ele, os homossexuais têm conseguido diversificar tanto suas atividades, escrevendo para jornais, fazendo programas de rádio, criando grupos de estudos e organizando grupos políticos diversos.

JST – *Vocês têm muitos jornais homossexuais nos Estados Unidos?*

LEYLAND – Incluindo jornalzinhos de cidades menores, eu creio que existem provavelmente uns duzentos no país inteiro.

JST – *Isso é uma quantidade enorme. Quantos têm circulação nacional?*

LEYLAND – Uma meia dúzia, além de revistas de mero passatempo. Dentre os grandes jornais, o *Advocate* é o maior e mais conhecido. Mas na imprensa homossexual nanica, apenas dois têm circulação nacional: o *Fag Rag*, de Boston, e o *Gay Sunshine*, de San Francisco, ambos de caráter político-cultural.

JST – Como são, nos Estados Unidos, as relações entre o Movimento Homossexual e outros movimentos de minoria, sem esquecer do Movimento Feminista, claro?

LEYLAND – As relações existem mais freqüentemente ao nível das idéias. Muitos homossexuais receberam e aprenderam muito com o Movimento Feminista. Mas não houve trabalho direto nem com as lésbicas, pois os grupos femininos e masculinos em geral trabalham separados, dentro do Movimento Homossexual americano.

JST – *Ainda existem homossexuais trabalhando conjuntamente com os negros conforme aconteceu alguns anos atrás, no caso dos Black Panthers em Oakland?*

LEYLANDO – Sim, no sentido ao qual aludi anteriormente – grupos de entendidos tomando parte em movimentos de frente ampla, visando solidariedade entre os vários movimentos de minorias. Mas os grupos homossexuais envolvidos em atividades políticas são relativamente pequenos, se compararmos com o número de homossexuais americanos. De qualquer maneira, uma grande quantidade deles participa em demostrações especiais, por exemplo contra Anita Bryant ou em protesto pelo assassinato de um entendido nas ruas de San Francisco.

JST – Quais suas impressões sobre as atividades de libertação do homossexual no Brasil?

LEYLAND – Meu conhecimento é demasiadamente insufuciente. Mas acho que aqui no Brasil, como em qualquer outra parte do mundo, é importante que os homossexuais passem a aceitar plenamente sua sexualidade como uma coisa natural. Enquanto não se chegar a isso, eles não poderão lutar verdadeiramente pelos seus direitos nem fazer suas exigências.

o disco

Um disco macho paca

Observe bem essa foto daí de cima, leia o título desse disco recém-lançado no Brasil. Pois é. Seus olhos estão vendo exatamente o que viram: um bando de seis latagões, em pose típica de macho paca, componentes do conjunto de som de discoteca Village People. E, pela segunda vez, seus olhos não mentiram, pois o título do LP — e de sua principal música — é mesmo, com todos os emes e enes, Macho Man, facilmente traduzível por Homem Macho. Até aí tudo bem — ou tudo mal, na verdade, posto que a chamada apelação para o lançamento e vendagem de discos já chegou ao ridículo de usar o machismo como atrativo ou aproach de consumo, como dizem os executivos da indústria do disco norte-americano. Por este lado, pior para os que se pensam machões, que vêem a sua principal (na opinião lá deles) virtude, o machismo, reduzido a mero apelo comercial — o que também nos poderia conduzir à conclusão de que a virilidade, nos EUA, deve andar super-desvalorizada. Outro ponto discutível é o da macheza desses auto-nomeados varões musicais. Tudo que é muito ostensivo e anunciado já não dá para desconfiar?

Mas — agora vem o X da história — e a música do Village People? Anunciado pela gravadora RCA-Victor como a "soma do som das componentes étnicas da população masculina dos Estados Unidos" por ter "um cauboi, dois negros, um índio e um malandro urbano" entre os seus componentes, o grupo não passa, na verdade, de mais um subarranjo chinfrim do tal som de discoteca que fere, atualmente, nossa aviltada capacidade de ouvir. Este som, é bom lembrar, só serve aos lucros das poderosas multinacionais que operam na indústria do disco, um dos setores — você sabia? — que mais canaliza lucros, legais e ilegais, via contrabando de matrizes, superfaturamento, etc., dos países latino-americanos para os bolsos estufados das multinacionais. Quarto mercado consumidor de discos do mundo, o Brasil não tem qualquer Lei que defenda a sua produção musical, riquíssima.

Seria cômico, se não fosse triste, ver a virilidade ser usada para o lucro safado. E tudo porque alguns, em seu imobilismo machista, ainda não entenderam que os exploradores somos todos nós, homos e heteros, homens e mulheres, pretos e brancos que concordem, consciente ou inconscientemente, em fazer o jogo do poder, em deixar as coisas como estão: mulheres na cozinha, bichas tendo de esconder sua condição sexual para sobreviver, os Homens Machos "comandando" o mundo, na tragicômica condição do dominado que pensa dominar. Pode ser até que eu esteja exagerando, a propósito do simples lançamento de um disquinho vagabundérrimo. Mas não tenha dúvida: em linhas gerais é mais ou menos isso aí mesmo.

Ah, sim: fisicamente os bofes do conjuntinho até que são bem passáveis, principalmente, pelas fotos, o "cauboi" Randy Jones, o "operário" David (Scasr) Hodo, o negro Victor Millis e o "índio" Felipe Rosa que, pelo nome, deve ser porto-riquenho. Mas para o pleno aproveitamento de suas qualidades, o melhor lugar seria a cama. No disco, cruzes! Que o bom senso nos livre e guarde do som de tais machos.

Antônio Chrysóstomo

o filme

Fora do esquema "cinemão"

Jean-Claude Bernardet

O cinema brasileiro está passando por um momento eufórico: um frisson de novo rriquíssimo. Conquista de mercado, conquista de público e nacionalismo sustentam ideologicamente essa euforia, que sacrifica tudo o que não possa contribuir de imediato à onda do capitalismo cinematográfico. Em nome da selvagem euforia do capitalismo, crimes estão sendo cometidos no mais solene silêncio de todos nós. É preciso silenciar qualquer coisa que possa pertubar a euforia.

Aos olhos da euforia capitalista, constitui crime fazer filmes que:

– não estejam voltados para o lucro financeiro imediato;

– não integram censura e auto-censura no processo de trabalho;

– não respeitam o tempo habitual do produto cinematográfico: uma hora e meia;

– não respeitam a linguagem narrativa dos anos 40 mais ou menos;

– não contam uma história e discutem idéias ou exteriorizam sentimentos;

– não agradam ideológica e esteticamente ou à direita, ou à intelectualidade progressista.

Esses crimes são punidos de diversas formas:

– os filmes são censurados na sua totalidade: IRACEMA e GITIRANA, de Jorge Bodansky e Orlando Senna, O MONSTRO CARAÍBA, de Júlio Bresane, ASSUNTINA DAS AMÉRICAS e CRÔNICA DE UM INDUSTRIAL, de Luiz Rozemberg, são interditados. Entre muitos outros;

– os atos de censura que atingem tais filmes não sensibilizam nem o meio profissional cinematográfico nem a imprensa, pois não há o que fazer com filmes que não se enquadram em nenhuma categoria aproveitável. A suave desculpa: estes cineastas, ao realizar seus filmes, já não sabiam que seus filmes seriam proibidos? Então, por que fizeram? De que estão se queixando? O que não impede geneROS pronunciamentos a favor da liberdade de expressão.

– Os filmes são massacrados pela distribuidora da Embrafilme. LADRÕES DE CINEMA, de Fernando Coni Campos, tinha duas horas e trinta minutos na sua versão definitiva. Para comercialização, foi cortado em cerca de quarenta e cinco minutos, o que desestruturou o filme. E isto, pelo visto, não escandalizou ninguém. ANCHIETA, JOSÉ DO BRASIL, de Paulo Cesar Saraceni (mais um filme que não agrada à Embrafilme, nem à igreja reacionária, nem à igreja renovada, nem aos progressistas: quer dizer um filme inútil), está sendo ameaçado de levar um corte de cerca de cinquenta minutos (caso já não tenha sido cortado) para ser comercializado. E tudo bem, ninguém vai deixar de dormir por isso.

Renato Coutinho em "Crônica de um Industrial", de Rosemberg

Quando lançados, estes filmes são simplesmente jogados num ou outro cinema, mal se toma conhecimento, o filme afunda e se torna um fracasso de que os exibidores não querem mais ouvir falar. DORAMUNDO, de João Batista de Andrade (prêmio de Melhor Filme no último Festival de Gramado) foi jogado e tirado do Rian (Rio de Janeiro), no meio da semana, sem que ninguém perceba a entrada nem a saída. LADRÕES DE CINEMA foi lançado (?) no Rio sem publicidade. Mesmo quando o filme obtém certa repercussão, a distribuidora o deixa afundar: MAR DE ROSAS, de Ana Carolina, ficou inesperadamente cinco semanas no Rio, mas não é lançado em São Paulo. Nem GORDOS E MAGROS, de Mário Carneiro. E não é verdade que, se estes filmes fossem devidamente trabalhados, não encontrariam seu público em cidades que têm públicos tão diversificados como São Paulo e Rio, no mínimo. LADRÕES DE CINEMA, em exibições especiais realizadas em São Paulo e Belo Horizonte, obteve a melhor acolhida por parte de um público estudantil.

Pelas suas idéias,
Pelas suas posições estéticas,
Pelo relacionamento que mantém com o meio profissional e a burocracia estatal.

Cineastas como Paulo Cesar Saraceni, Fernando Coni Campos, Júlio Bressane, Luiz Rozemberg e muitos outros, e entre eles Glauber Rocha, são rejeitados. Não é que sejam rejeitados apenas pela censura ou pelos exibidores. São rejeitados por um complexo sistema que, além da censura, da comercialização, da burocracia estatal, inclui componentes políticos, ideológicos, estéticas. Esses cineastas não são úteis ao milagre cinematográfico brasileiro e são sacrificados com boa justificativa: seu sacrifício é necessário ao bom andamento do cinema brasileiro, uma marca que atualmente vende bem, mas só vende os filmes que se dobram às suas imposições.

a exposição

Arlindo, o esquartejador

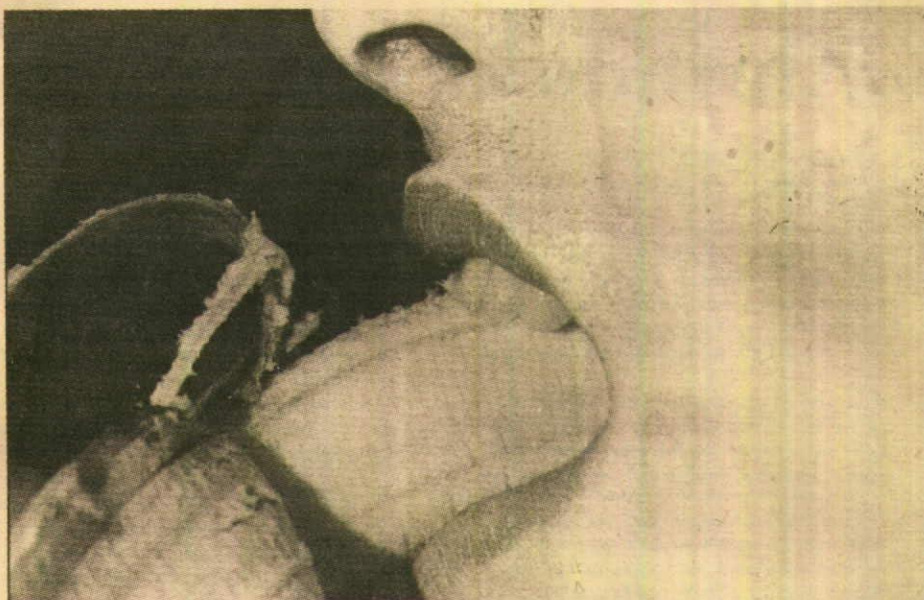
A chamada arte erótica teve o seu apogeu no Brasil no início desta década, praticada principalmente por um grupo que parecia ter mais necessidade de estar no divã do psicanalista do que diante de instrumentos criativos de trabalho. Obsessiva, narcisista, autocomplacente, ela refocilava na doença de seus autores, sem jamais tentar a ultrapassagem capaz de transformá-la numa manifestação inteligível e definidora de uma situação humana. Nada da ação libertária de um Niki de Saint-Phalle, por exemplo. Apenas um vôo raso, constrangedor, que a crítica paternalista, autoritária e reacionária elevou imediatamente à categoria de arte.

Mas não demorou muito para que, dentro desse panorama desolador, surgissem as exceções. Conheço duas ou três, mas sei que deve haver mais por esse Brasil afora (sem falar de "pioneiros", como Darcy Penteado, de quem pode-se não concordar com o enfoque "grego", aplaudindo-lhe no entanto a imensa coragem, ou como o excepcional gravador José Lima, ambos o contrário da obsessão doentia). Uma das exceções é o desenhista de Juiz de Fora, Minas Gerais, Arlindo Daibert, que está expondo em São Paulo, na Galeria Entreartes (Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1409). Convoco os leitores do LAMPIÃO para uma visita a essa mostra.

Com o título geral de "Açougue Brasil", a exposição é na verdade o sofrido itinerário de um espírito sensível pelos meandros do inconsciente até a compreensão e a aceitação finais da vida em seus incontáveis ângulos. Usando as técnicas de lápis sobre papel, aquarela, nanquim e pequenas colagens, Arlindo dá um show de precisão e perícia, sem nunca cair no rebuscado. O artista tem 26 anos, mas já é um desenhista com domínio total do metiê. As obras expostas cobrem o período de maio de 77 a junho de 78. A ironia, a crítica, a busca da entidade e finalmente a possibilidade de prazer seriam as chaves para um roteiro da exposição. Transcrevo a seguir trechos do depoimento que Arlindo Daibert deu para LAMPIÃO.

"Havia uma certa crueldade na minha dissecação metódica da dor. Eram cães degolados que farejavam a comida, cobras que engoliam lagartos. Eu oscilava entre o animal solitário e ferido e entre as duplas que se entredevoravam, num eterno jogo de carrasco e vítima. Mas de repente apareceu uma foto de família, do açougue de meu avô. Numa carta de Paris, um artista amigo perguntava se meus mutilados não seriam de certa forma colocações políticas, símbolos de todas as nossas impossibilidades. Esse comentário ficou rodando na minha cabeça até o aparecimento da foto. Foi então que percebi que realmente tudo era o "Açougue Brasil", com minha mãe junto à caixa registradora, meu tio fazendo as entregas e meu avô, patriarca de origem alemã, amando os filhos de uma maneira meio violenta; e como "coadjuvante", um negro, empregado do estabelecimento.

"Comecei a trabalhar a partir da foto. Um dia, visitando o Museu Mariano Procópio, dei de cara com o "Esquartejamento de Tiradentes", de Pedro Américo. Era o que faltava para completar a síntece subjetivo/objetivo. Paralelamente, desenvolvi uma série de estudos que apelidei de "Estudos Noturnos". São retratos onde nunca se define a fisionomia do retratado. Alguma coisa balançando entre a múmia e o feto. O último módulo da exposição é uma série de desenhos eróticos. São pequenas revelações, detalhes de corpos que se abraçam, enroscam, pernas, pêlos. Nelas surge a possibilidade de vida, gratificação, prazer. O detalhe que tem criado celeuma é que as figuras são masculinas. Junto do meu lado escuro, congelado, surgem as possibilidades afetivas, amorosas, talvez até uma nova ótica."

Francisco Bittencourt

Banana's party

Foi no dia 21 agora, no Museu de Arte Moderna, e a gente espera que se repita sempre; uma badalação, um *happening* organizado pelo fotógrafo e prouutor Andreas Raab e denominado *Fotofansia*, que reuniu fotos louquérrimas de artistas conhecidos: Davi Zingg, Antônio Guerreiro, Luís Trípoli e, principalmente, Maurício S. Domingues, que estréia nesse número como mais um do bando de LAMPIÃO (vide as fotos de Lennie Dale, e também a entrevista: Maurício não resistiu e fez perguntas). Da exposição é esse flagrante de embanação aí em cima: é do nosso Maurício. Outra exposição que nós curtimos muito, mas em São Paulo, é a de Dimitri Ribeiro, carioca, prêmio na última Bienal: na Aliança Francesa, à Rua Silva Jardim, ele expõe seus objetos e desenhos dedicados aos orixás. Orixás, diga-se de passagem, que já foram todos mobilizados por Adão Acosta para proteger LAMPIÃO. Saravá.

o livro

Histórias escandalosas

Até há pouco, quando o encontrei por acaso num sebo, não tinha ouvido falar de "Os soleirões", de Gasparino Damata, lançado pela Pallas, do Rio, em 75 ou 76 (constam as duas datas nas folhas de rosto). Eis, no entanto, um livro para obter sucesso de escândalo e venda. Não funcionou a distribuição? Os livreiros, receando a censura, preferem não exibir o livro que usa com naturalidade todas as palavras dum meio tido como escabroso, o homossexual? Silenciaram os comentaristas para não serem julgados a par do tema? Seja pelo que for, espero que o volume, ainda que clandestinamente, venda bem. É o menos que o autor merece, pois seu livro, além de pornográfico, é muito interessante. Constitui um panorama fidedigno do homossexualismo carioca de rua e às vezes tem mesmo valor literário.

Menos como estilo, é verdade, mas como narração sincera. A forma de Damata escrever é demasiado direta, despreparada e com o vício de dizer duas vezes cada coisa. Veja se, entre outros, este primeiro parágrafo da página 179: "Mas agora que sua hora chegara, que a coisa seria para já, não temia mais a morte, não tinha medo nenhum de morrer. Nem de morrer sofrendo dores atrozes. Não morria como sempre desejou morrer, como sempre fez absoluta questão de morrer, é verdade. Mas morria sem sentir dor, o que era essencial, e sem precisar se valer de ninguém. Ia ter uma morte suave, doce, que não lhe causaria sofrimentos maiores. Nem lhe embotaria todos os sentidos." (Os grifos são meus, naturalmente).

Além de que não se entende, está mal redigida a última frase do parágrafo, o permanente repeteco é de quem não sabe muito bem o que vai grafando e precisa insistir para se dar certeza. Embora habitual nos jornalistas que buscam dar tamanho à matéria (e o autor deve ter adquirido o vício em seus tempos de colaborador de jornais e revistas), fica aquém do nível literário, que exige mais consicência do meio expressivo e portanto mais concisão. Um copydesk competente decerto abateria em um terço o número de páginas do volume, já aproveitando para corrigir erros de português inaceitáveis e suprimir uma dúzia de frases bobas, impossíveis e no entanto possíveis no primeiro jato dos melhores escritores, só que em seguida eles notam e cortam. Só no Rio, onde mora o autor, há dezenas de revisores capacitados a limpar o livro dessas lacras, o que lhe daria outra autoridade e força de impacto. Para uma segunda edição, há que procurar e achar esse revisor porque "Os solteirões" existe. Ninguém diria que Damata, praticamente sem nada publicar desde 51, quando estreou com uma tentativa de romance. "Queda em ascensão", tinha um livro, um verdadeiro livro na barriga. E essa coisa tão rara aí está.

Os contos que prefiro, embora não seja o caso de cortar nenhum dos outros (apenas, por caridade, as ingênuas epígrafes), são: "Muro de silêncio", pelo que tem de apaixonada autobiografia; "O inimigo comum", que inaugura no volume a transcendência paraliterária do humor, se erguendo do comum e meio míope literalismo geral; "A desforra", pela pintura justa do homossexual coroa endinheirado através do dentista Ferreira; e sobretudo "O voluntário", com este Leocádio que é uma criação, já não o autor e no entanto realíssimo, contaminando de vida também os personagens secundários como Valdomiro, Henrique e Ivo, e chegando àquele final sem desenlace e pungente de amarga exatidão.

Verdade que até no melhor, no "Voluntário", ainda falta, além do mencionado copydesk, mais seqüência narrativa. Há buracos, como a conquista de Ivo que é apenas dita, não narrada, não revivida, bem como o seu desinteresse depois. Igualmente a reforma do sargento e a vida em comum são apenas referidas. Valdomiro, cuja safadeza promete tanto novelescamente, logo é esquecido. E mais; mas, se a narrativa como tal peca, possui calor, cenas, páginas excelentes. O Leocádio se sente viver, não se esquece, e isso é um triunfo, creio que o maior do livro, embora haja outros menores. Mas bastaria esse para "Os solteirões" interessar agora e no futuro como algo realmente vivo.

Paulo Hecker Filho

"Negras raízes": bastante podadas

Um leitor de LAMPIÃO, bom tradutor do inglês, deu-se ao trabalho de confrontar o texto original de Roots (edição de bolso da Dell Publishing Co., EUA), com a tradução para o português, lançada no Brasil pela distribuidora Record sob o título de Negras Raízes, e que está vendendo adoidado. Pasmo, constatou as seguintes supressões (as páginas referidas são sempre as do livro americano): páginas 51 a 55, um capítulo; página 78, nove últimas linhas; página 131, duas linhas; páginas 132 a 137, mais de um capítulo; páginas 295 a 297, parte de um capítulo; páginas 310 a 318, dois capítulos; páginas 356 a 359, um capítulo; página 370, parte. Páginas 371, 372 e 373, partes; páginas 379, 380, 381, 383, 434, 435, 436, 437, 444, 453, 482 e 483, parágrafos inteiros. O mesmo com relação às páginas 512, 530, 531, o que dá um total, somando-se o número de linhas (do texto em inglês), de 82 páginas não traduzidas, ou seja, 14% do total. Atenção, compradores de Negras Raízes: exijam da livraria o desconto respectivo, já que o livro, em português, está in.completo. Como Roots conta a saga dos negros norte-americanos, seria o caso de perguntar: tais supressões foram obra do tradutor ou da editora? O que as motivou? Algum tipo de censura? Ou apenas falta de consideração para com o leitor que paga uma nota altíssima pelo livro?

Mais gente fina escreve contos

Márcia de Almeida, carioca, 26 anos; Elias Fajardo da Fonseca, 30 anos, mineiro, são os dois novos lançamentos das Edições Preto no Branco, responsável, ano passado, pela edição udigrudi de *Cacos*, livro que reunia 13 jornalistas. Agora os dois surgem juntos, Márcia com *Fios y Navios* e Elias com *Cabeça Quebrada*, num livro que eles consideram "hermafrodita": dois num só. Gente muito fina, os dois fazem parte de um nanico muito ligado a LAMPIÃO, o *Flagrante* (leiam!), e escrevem pra valer: a gente recomenda. Quem estiver interessado no livro é só mandar o pedido para a nossa Caixa Postal que a gente passa pra eles e Márcia e Elias providenciam pelo reembolso.

CARTAS NA MESA

Abrindo as sete chaves

Lendo a revista Visão tomei conhecimento do seu lançamento para este mês e, passando por uma lanchonete local, encontrei dois rapazes com o número zero, que não consegui, ficando apenas com uma leitura rápida nos títulos. Em todo o caso, entrei em contato com o meu pai aí no Rio que se prontificou em me conseguir uma assinatura, já que ainda não vi nenhum exemplar nas bancas daqui.

Mas o que eu queria dizer é que esse jornal parece ter chegado em boa hora. Nós aqui no Brasil ainda vivemos num subdesenvolvimento FDP em todos os sentidos, desde o cultural até o sexual.

Com relação ao problema das minorias sexuais então, o agravamento é maior, pois, além dos tabus, há uma dose extra de ignorância. O homossexualismo, p.ex., anda sempre de braços dados com o grotesco. Ou caso contrário é escondido a sete chaves, embora sempre tenha alguém fazendo as cópias de uma por uma dessas chaves, o que torna a vida intolerável para quem teima em ficar "em cima do muro".

Gostei muito do número um e estou a fazer um pedido: um dos leitores solicitou um aumento de frescura e uma seção de Receitas de Prazer, segundo disse ele, "para inventar modas de como fazer melhor a coisa". Por favor, gente boa, nada disso! Sem frescura, pois aí cai de novo no ridículo e não leva a nada. Além disso, já está na hora de tomar uma conscientização maior sobre a coisa e tentar entender a própria posição e a posição da sociedade com relação ao fato. Frescura é divertida, é jocoso, coisa e tal — mas na casa do vizinho ou em certos programas de TV. Nunca dentro da família de cada um. Vamos manter a coisa dentro de um limite de seriedade, debatendo, informando, conscientizando, mas as frescuras ficam para o carnaval.

Nota-se por enquanto uma ausência da parte feminina, mas com calma se chega lá; afinal o primeiro passo já foi dado e duvido que alguém com uma mentalidade aberta, seja de que sexo for, terá restrições na leitura e informação que o Lampião pode prestar.

Aqui no Sul os preconceitos são grandes, sejam eles de cor (este meu estado não deve muito para o Alabama), credo ou sexo, mas o diabo é que tudo não passa de uma fachada hipócrita de ver as coisas.

A mentalidade daqui não admite meio termo e a coisa se complica no apagar das luzes, onde os papéis se invertem com freqüência mas nenhuma das partes quer admitir. Fica aquele espanto de quem viu um Disco Voador mas logo vem alguém para tranqüilizar e dizer que foi só um balão meteorológico. Lógico!

Voltando ao jornal, como sugestão gostaria de ver mais ensaios e reportagens como aquela da prostituição masculina na Cinelândia, Alaska e São João. Vamos em frente. Pode ser que com o tempo as coisas mudem, não para os preconceituosos e fanáticos mas justamente para o pessoal guei.

Carlos Schorr
Porto Alegre

Nós: "heróis" e "arautos"

Dirijo-me a este jornal com o intuito de trazer-lhes um mínimo do enorme sucesso que está sendo a sua criação. Digo isto de coração, porque o interesse que tenho notado na multidão guei acerca deste arauto de uma legião proscrita é digno de ser transmitido, para que, senão todos, pelo menos alguns, os mais inteligentes, compartilhem deste prazer imenso. É para mim uma alegria contagiante poder dizer para muitos, através das páginas deste jornal, que ele tem sido adquirido nas bancas e lido pelos privilegiados assinantes com a ânsia de quem encontrou o remédio que vai salvá-lo após ter sido desenganado pelo médico. A todos o meu aviso de leitor exigente: divulguem este herói, porque ele é o único com estas características.

Antônio Cabral Filho
Rio.

R. Ufa, Cabral, você nos deixou encabulados. Heroismo mesmo foi jogar LAMPIÃO nas bancas apenas com a cara e a coragem. Mas cartas como a sua servem para nos mostrar que valeu a pena: estamos aí.

Cartas de "Marias Bonitas"

Queridos lampiosos: quem lhes escreve é uma semi-jornalista, cursando o 2º ano de Comunicação. Sou leitora ávida de todos os jornais da imprensa nanica. Graças a Deus que vocês apareceram.

Sinto que a coisa vai dar certo. Não tive oportunidade de ler o número zero, mas obtive excelentes informações de gente entendida (no assunto e nas coisas).

Negócio é o seguinte: o jornal está muito bem transado, a matéria do Chrysóstomo sobre o "triângulo da badalação" está sensacional (enquanto a li tive a impressão de estar "vendo" e "ouvindo"), *mas tenho uma ressalva a fazer: as mulheres estão praticamente alijadas do LAMPIÃO. Esta é a grande falha dos jornais gueis. Ora, bolotas, vou acabar encabeçando um movimento e fundando o jornal "Maria Bonita" (será que até entre nós, já tão vilipendiadas, existe a tal discriminação?), cujo slogan será: "Menino não entra". Fica lançado o desafio. Ou nós entramos na jogada, ou "Maria Bonita" entrará em cena para apagar o fogo de LAMPIÃO.*

Anexo estou enviando um poema que escrevi quando minha cigana foi embora. Se for publicado por vocês, podem crer que desisto da "Maria Bonita". Mas nunca das marias bonitas, é claro!

Rose S.
Rio

Avante, LAMPIÃO! Aqui estou, aplaudindo de pé os fundadores deste jornal, pelo brilhante propósito de elevar, impor numa sociedade a que tem direito, a maravilhosa classe guei. Não sou homossexual, mas não por preconceito ou censura, apenas por uma questão de preferência sexual; porém deixo claro que o rapaz guei é a minha predileção. Depois de uma série de variados tipos de relacionamentos humanos, chego à conclusão de meu entrosamento maior com pessoas gueis, devido à existência de uma sensibilidade bem mais aguçada, que mais me completa e me preenche.

Por tudo isto, aproveito a oportunidade para deixar de público meu agradecimento aos gueis com quem convivo, fortes carregadores de grandes emoções e compreensões de vida, mentalidades abertas, arejadas, francas e evoluídas, que por alguns instantes se quebram, se grilam e se encucam, mas verdadeiros estivadores, carregando o peso de toda a fragilidade que da sensibilidade advém; adoráveis amigos, que tanto me orgulho em poder tê-los. Por tudo, obrigada amigos, e prá frente.

Jane de tal
Copacabana

Pauladas na "Bichórdia"

LAMPIÃO veio na hora certa. Estávamos afundando em matéria de jornalismo homossexual e isto seria, claro, uma insuficiência na nossa capacidade de lutar por algo de bom em prol de nossa afirmação.

Tínhamos o **Mundo Gay**, que acabou se perdendo em sua própria fragilidade. O **Entender** também se crucificou entre tantos "roteiros" e mau caratismo (os travestis invadiram todas as páginas e "sujaram" a barra). O boletim **Eros** animou um pouco pela diferença sobre os demais. No entanto, se bem entendi a explicação do Sr. Dantas no depoimento dado no número zero deste jornal, foi obrigado a deixar de existir pela falta de entendimento com os ditos "representantes" do colunismo homossexual do Rio de Janeiro.

O Sr. Dantas, desculpe-me ele, implicou num erro imperdoável. Apesar de sua aparente boa vontade, bastante elogiável na consciência firme e clara que tem sobre nossas necessidades, foi buscar apoio junto de uma camada de homossexuais bastante entorpecida pela **bichice** e não poderia, como estava pretendendo, encontrar ajuda. A turma do extinto **Gente Gay** e do consórcio social Litle Darling & Tiraninho não passa de uma camarrilha machista que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do **beautiful people** indigesto do Sr. Anuar Farah e Cia. Ltda. É incrível como um grupo deste se autodomina pioneiro na imprensa guei brasileira.

LAMPIÃO correspondeu em cheio (pelo menos isto ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidade intelectuais deste grupo que a **bichória** chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos olhos e corações de coisas boas, de **realidade.**

Gente, vocês têm espaço e credibilidade suficientes para oferecer aos cariocas, paulistas e a todos os brasileiros, textos e reportagens que digam a nossa realidade, que ajudem a desmascarar o machismo impregnado em todas as coisas desta sociedade sexista. Mas, por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente, claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher.

José Alcides Ferreira
Rio

R — Pode deixar, Zé Alcides, que é com a gente mesmo. E se não publicamos o trecho de sua carta sobre Rogéria, não foi por censura, mas por falta de espaço. De qualquer modo, vamos citar um trecho que nos parece a síntese do seu pensamento: "Um homem fantasiado de mulher, ostentando um comportamento alienado e sexista, não representa nenhum perigo para os códigos de honra do macho. Uma criatura destas (...) é somente o produto da decadência da cultura ocidental, que sobrevive à base de coisas efêmeras e onde prima, sobretudo, a falta de sensibilidade e a ignorância sexual".

Assinantes se entendem

Aos amigos da ***gay-gang*** *Lampião: o mês de abril foi-se. Com ele, o "mês do homossexual", segundo vocês mesmos. Estamos em pleno "mês das noivas" (pode?) e cá espero eu, ainda — e já impaciente — pelo nº* 1 do nosso jornal, do qual, num momento de bravo instito, ousei fazer uma assinatura. Devo mandar rezar a missa póstuma, em memória dos meus suados 160 cruzeiros, ou ainda posso cultivar a remota esperança de receber, durante um ano, o LAMPIÃO "a la carte", conforme o combinado?

Imagino todas as dificuldades que vocês possam estar passando, até conseguir colocar o jornal "no olho da rua". Mas será que nós os confiantes e créditos assinantes (*ou terei sido eu a única?) não merecemos alguma satisfação? Tenho certeza que não se trata de falta de matérias para serem publicadas: eu, pelo menos, já emprestei minha colaboração... para a seção de cartas. Seria muito difícil vocês darem um "alô", ao menos para dizer se o jornal* ***vingou*** *ou será vingado? Beijo mis.*

NICA BONFIM
RIO

Gente, valeu! Disseram-me: "Loucura assinar um jornal que você nem leu (realmente, nem vi o número, só o folheto de que retirei o cupom), pode nem sair o número um!" Eu ri. Gente como a gente que assinava aquele impresso e que assina o LAMPIÃO não joga seu nome em coisa incerta. E vocês jogaram no certo. Está em minhas mãos, já lido de capa a capa, o número um desse novo "nanico". E a qualidade não surpreende: é a que eu esperava. Definitivamente está provado que guei não se interessa só por plumas e sexo, que pensa em tudo e se interessa por tudo.

P. CAMARGO
SÃO PAULO

R. — Ora, Nica, por quem sois! Então você acha que a gente ia fugir com o dinheiro das assinaturas? O número um atrasou um pouco porque foi preciso dar um sobrenome ao jornal (*Da Esquina*"), *para evitar problemas de propriedade industrial. Muita gente jogou no escuro e, segundo P. Camargo, todos acertaram. Mas tudo bem, compreendemos a sua impaciência — a turma aqui também estava impacientíssima pra ver o jornal na rua.*

CARTAS NA MESA

Mais penas de pavão

Sabe, concordo com alguns leitores da seção de cartas, quando dizem que o jornal precisa de mais humor, de mais frescura. Realmente, LAMPIÃO ainda está muito sisudo. Precisa de mais graça. De mais pena de pavão. Acho que não é difícil conseguir bons colaboradores com charges, cartuns. Que tal uma historieta (ou tira mensal) com algum personagem bem dentro do estilo do jornal? Sabe, outro dia, lendo a *Homem*, deparei com uma excelente história (desenho, ritmo visual, cores, corte, tudo) do Bispo (Patrício).

Também a diagramação, o visual do jornal ainda não se impôs. A revisão está capengando aqui e ali. Acho também que as matérias ainda estão muito frias, mesmo em se tratando de um jornal mensal. Que tal o jornal manter uma coluna de indicação de livros, jornais e outras publicações gueis? Quantas pessoas estão interessadas em ler livros sobre o assunto mas não sabem como achá-los? Essa seria uma boa medida. Bom, essas são algumas observações sobre o jornal e não precisa dizer que tenho a melhor intenção ao dizer isto, né? Por enquanto é só. Um abração e sucesso.

Sandra Maria C. de Albuquerque
Campina Grande — Paraíba

R — Sandra, sua colaboração não chegou a tempo de entrar neste nº 2, fica para o nº 3. Mas resolvemos publicar sua carta, pelo menos para lhe dar uma explicação. Achamos ótimas suas observações, e vamos levar em conta todas elas. O jornal precisa se tornar menos sisudo, sim, mas lutamos, pelo menos até aqui, com o problema do espaço. Só quando pintarem os anunciantes é que poderemos aumentar o número de páginas e jogar mais com ilustrações. Quanto à historieta, está sendo bolada, e breve será lançada em grande estilo. Aguarde, e nos escreva sempre (você está na seção de cartas duas vezes. Reparou?)

Ecos do número zero

Sou leitor do jornal LAMPIÃO. Está chegando aqui pra gente.

R.A.L.
Teresina — Piauí

Não deixem os macacos silenciarem LAMPIÃO outra vez!

Sandra Maria C. de Albuquerque
Campina Grande — Paraíba

Fala aí, Lampião! Acabei de ler o número um e dou meus parabéns e apoio. A revolta individual e inconseqüente com a existência de explorados, oprimidos e opressores é sempre melhor extravasada quando os que estão subjugados começam a discutir seus problemas específicos e a se organizar para poder se inserir na luta contra aqueles que impõe a injustiça, a ignorância e a alienação à sociedade em que vivemos. Faço votos que LAMPIÃO exista por muito tempo. É uma luz entre muitas que estão surgindo neste País!

José Roberto Torres de Miranda
Rio

Enfim a luz no fundo do túnel. *A luz do* LAMPIÃO abre finalmente o caminho que nos levará à luz elétrica. Sem dúvida, muit mais segura. É muito louvável a edição experimental, número zero, do jornal LAMPIÃO por diversos motivos. Primeiro porque finalmente surge em meio às excassas publicações destinadas a um público homossexual, um jornal que o trata como ele realmente deve ser tratado: como seres humanos. Segundo porque traz a colaboração direta de pessoas do naipe de Darcy Penteado, João Silvério Trevisan (excelente reportagem sobre o não menos excelente Celso Cúri), Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas, Gasparino Damata, Franklin Jorge (bela e crua a' sua Antropofagia) e tantos outros.

Sei que é difícil o caminho escolhido por esse jornal. Mas também sei (e sinto) o quanto é fundamental uma publicação séria no gênero. Pois afinal os homossexuais assim como todo mundo sentem a necessidade de conversar abertamente, de ver-se retratado nos livros que lê, na pintura que vê, na música que ouve e etcétera. É preciso lutar pelos sentimentos humanos. E zelar por eles.

... Gostei muito dos artigos, e sempre apreciei o tema que é tratado no jornal, pois vejo a necessidade da liberação das coisas. Soube aqui em São Paulo que o LAMPIÃO estava tendo problemas com as assinaturas, que algumas pessoas não davam o verdadeiro nome, etc... Como pode ser isso? Eu não acredito. Um indivíduo, homossexual ou não, não pode deixar de assumir uma situação tão normal e viva como é a situação do homossexual. Acho que seu jornal deve continuar firme na reta. Uma coisa: senti a falta de artigos de homossexualidade feminina. Por que?

Rogério Naccache
São Paulo

Gostei imensamente do º 1 do LAMPIÃO. Não sei dizer do que mais gostei, mas não me agradou o artigo escrito para mulher. O que o Darcy Penteado escreveu eu absorvo muito. Para mim, é como se eu já o conhecesse, mas ele abusou do direito de elogiar-se! Concordo com John dos Passos, quando afirma: "Evolução é o processo de precipitar o amanhã". É o que LAMPIÃO está fazendo. Parabéns e aquele abraço.

G.D.C.
Pelotas, RS

R. — Esperamos que dê a sua opinião sobre os próximos números também. É isso mesmo, queremos precipitar o amanhã. Nada de processo lento e gradual, pois a longo prazo todos nós estaremos mortos.

Congratulações pelo nº 1 do LAMPIÃO. Gostei de ver o jornal e faço votos de que obtenha grande êxito.

Winston Leyland, editor do Gay Sunshine
San Francisco, EUA

Felicitações, LAMPIÃO

Grupo Universitário de Teatro do Amazonas
Manaus, AM

R. — Avisem a todos que ainda não conseguimos distribuir em Manaus. Assim, no momento, nosso jornal só poderá ser lido por assinantes, nessa cidade.

Foi com grande alegria que recebi LAMPIÃO. Está impecável, vivo, elegante e de nível intelectual apreciável. A começar pela capa e a terminar pelo conto *Aniversário*, foi agradável ler LAMPIÃO para ler estes dias, mesmo sendo época de provas. Quero ressaltar especialmente aquele conto, que me pareceu estupendo.

A.C.P.
Salvador — Bahia

Recebi, finalmente, o LAMPIÃO — archote, pelo visto, capaz de iluminar os becos e as vielas do meio e do preconceito que envolve, deturpa e violenta a minoria guei. O jornal está no ponto. Vamos em frente.

F. J.
Ceará Mirim — RN

R. — Com o apoio de gente do seu naipe, nosso jornal só pode ir para a frente. Vamos arregaçar as mangas e meter os peitos.

Como sair das esquinas

Meu caro Antônio Chrysóstomo: ao ler a manchete "As relações perigosas" e depois o título de sua reportagem — "Os caubóis, seus clientes, todos querem ser felizes no triângulo da badalação" —, fiquei empolgado, porque por conta própria, e sem nenhuma pretensão, vinha eu estudando, pesquisando, especulando até este assunto. O motivo desta carta é para dizer da minha decepção ao ler o texto. O assunto não caberia de forma alguma, pela sua complexidade e profundidade, numa reportagem, mas sim, numa série de artigos nos quais se procurasse mostrar não só o aspecto moral do problema, mas oferecer a todos, indistintamente, um enfoque humano, sem a piedade aviltante que às vezes você deixou transparecer, mas com compreensão, num estudo mais meticuloso de cada caso, procurando sempre as razões do comportamento daquelas pessoas.

Acho que você pecou quando acusa no segundo parágrafo: "este meio quase sempre divulgado no que tem de mais superficial e evidente". Meu querido, foi exatamente o que você fez. E você nem soube dissimular um profundo desprezo por estes adolescentes, classificando-os de "reles meninos de programas, michesinhos, etc....", e apresentando como motivo da "fluidez das fronteiras do "sob pressão social". Bastante precipitado foi o seu julgamento; julgamento sim, pois foi o que você fez, e não uma reportagem isenta de paixões pessoais.

Esperava que LAMPIÃO, ao invés de mostrar o que na vitrina já se encontra à disposição de todos os olhos, fosse mostrar o outro lado da questão. Aquele que está escondido, dentro de cada "vítima ou algoz". Ainda mais que se reconhece em alguns trechos de sua reportagem que você conhece o assunto mais profundamente. Por exemplo, quando você diz: "... destas crianças crescidas que se negam a envelhecer (os homossexuais)", ou quando você fala dos desajustes familiares de que todos aqueles adolescentes são vítimas.

Custo a crer desconheça você que a princípio aqueles meninos na verdade buscam a proteção paterna que lhes foi negada; por isso muitos procuram os mais idosos; e usam a prostituição, por mais absurdo que pareça, como pretexto. Ou muitas vezes para fugirem da responsabilidade que precocemente lhes foi imposta de cuidarem de si próprios. E, ao serem tratados como objetos por seus clientes se revoltam, esquecidos de que se assim são tratados é por assim se apresentarem. Mas como exigir de uma criança que entenda essas coisas? Por outro lado, os clientes, humilhados por acharem que só comprando terão carinho, se desforram, negando ao adolescente um tratamento à sua dignidade. E aí a criança que procurava proteção vai se transformando no *lobo feroz*.

Poderia continuar a tecer ainda uma porção de considerações a respeito. Mas esta carta pretende apenas sugerir que LAMPIÃO estude este problema com mais carinho, com mais profundidade, assessorado até, talvez quem sabe, por um psicanalista, para publicar depois uma série de artigos em que se dê uma nova visão, aos que passam pelo triângulo da badalação, do problema. Acredito mesmos que estes artigos, lidos pelos "clientes e michês", possam ajudá-los a sairem das esquinas.

Laércio M.S.
Rio

Nota: o futebol é sempre o mesmo

Pelo tititi que se ouve nas ruas, e por causa de algumas cartas chegadas à redação (não dá pra publicar todas), ficou mais ou menos claro que os leitores de LAMPIÃO, em pleno clima da infelizmente perdida Copa do Mundo, esperavam ler, nesta edição, uma reportagem por nós anunciada: os segredos do futebol. Acontece que a matéria, ainda na fase de apuração, revelou-se muito forte. E depois, quando tratamos de redigi-la, ficou bem claro que não poderíamos publicá-la sem entrar num clima de entregação que não é o nosso. Assim, ficam os leitores frustrados, mas nós mantemos a nossa promessa inicial: respeitar os direitos de quem quiser continuar enrustido.

Fragmento de um romance inédito, a ser lançado em livro pela Esquina

Papo com Lady Agonia

— vamos ver o saldo do carnaval de ontem.

pela praia havia uma porção de gente dormindo homens mulheres o sol queimando as fantasias coloridas sujas rasgadas aos poucos foram chegando carros gente mais gente barulho batucada cantoria pelas mesas do bar Nautilus quando pensei que se ia repetir tudo o que acontecera na noite anterior na Praça XV o Cara resolveu tudo diferente

— minha família está em Porto Velo vamos para lá

com uma tremenda cara de sono o Provisório trouxe o carro embarcamos São Miguel Tijucas Santa Luzia Porto Belo uma porção de homens mulheres crianças beijando abraçando o Cara me fazendo festas todos falando juntos sem parar numa confusão dos diabos o carnaval devia ser também isso aos poucos foram saindo na grande varanda ensolarada com o lindo e perigoso mar ali me azucrinando os ouvidos com as ameaças da água movediça ficaram com o Cara apenas uma Senhora de cabelos brancos um homem Grisalho com charuto na boca uma moça loira de lenço azul na cabeça todos muito preocupados Lenço Azul falou

tu estás te matando

— não há mais nada a fazer

o Grisalho estava triste

— tenho muito orgulho de tua inteligência

Lenço Azul recriminava

— magro dentes quebrados roupa horrível

— não tenho mais nenhum interesse na vida

o Cara dizia a Senhora apenas olhava mais triste que todos de repente a alucinação do carnaval foi-se fechando se apagando naquela varanda quente ninguém mais falava cabeça baixa mão no nariz lenço nos olhos mágoa mágoa tão grande que achei melhor fugir dali nem que fosse para me jogarem nas águas salgadas do mar fugir daquela atmosfera sombria quatro pessoas tão amadas umas das outras reduzidas à profunda dor causada pelo Cara por seu abandono a si mesmo aniquilando seus valores a zero se auto-destruindo fugi para a sombra do carro onde o Provisório dormia veio o Cara entramos de volta a Bom Abrigo ninguém dizendo nada durante toda a viagem nem música só o chiado das rodas na estrada o mar à esquerda muito verde à direita as elevações escuro as árvores correndo ao lado do automóvel ruas casas o páteo das causarinas a cozinha a sala grande o Cara me abraçou sentado numa almofada vermelha

— é preciso começar tudo de novo Águia porque descobri que a gente não é só a gente que a gente talvez seja muito mais os outros do que a gente não temos o direito de fazer os outros sofrer uma vez que lhe fornecemos uma imagem de amor que não devemos destruir sem mais nem menos mesmo que a gente não tenha amor pelos outros quando descobrimos o amor deles por nós temos que respeitar nos realizarmos um pouco nesse amor desinteressado a gente nunca está só porque sempre existe em qualquer lugar alguém pensando em nós se preocupando esperando uma grande coisa ou pelo menos uma notícia de que nada nos perturba temos a consciência tranqüila estamos pacientemente esperando que aconteça o milagre do trabalho da criação da justificação de nossa existência sendo útil aos outros cotucando a inteligência dos outros acho que ainda posso ser útil ou pelo menos bem menos egoista

mais uma vez senti calada aquela água salgada molhando meu pelo entrando em minha boca o corpo do Cara estremecendo levantou-se entrou para o quarto deixou-me na sala em ordem tudo claro calmo só o ruido de louça na cozinha tive o pressentimento de alguma transformação um acontecimento importante para aquele dia o telefone toca o Cara atende quando chego perto dele está enxugando os olhos nas costas da mão brincou comigo alegre alegre rindo

— ele vai voltar Águia ele vai voltar

entrou no banheiro saiu cheiroso roupa bonita calça azul camisa vermelha a campainha da porta tocou corri latindo o Cara abriu a porta entrou Suave meio acabrunhado abatido barbado a mesma mão quente me acariciou a cabeça as costas fiquei tão feliz por mim e pelo Cara corri pela casa toda mordi a cauda do Malhado os dois sentidos bem perto junto à eletrola o Cara bota uma música Suave sorriu

— sempre me lembro daqui quando escuto isto

— vou parar de beber uns tempos melhorar minha fachada tratar da saúde

tomaram café Suave quis ver o carro alisou o capô voltaram para a sala eu sempre atrás dos dois contente com a volta mas parece que ele não ia ficar

— saí da cadeia hoje

— como foi isso

Suave falou uma porção em carro roubado por outro que ele dirigiu a polícia pegou os dois na cabeceira da ponte quando o carro enguiçou o Pavão negou-se a ajudá-lo precisava indenizar os prejuízos com uma batida que o outro deu o Cara ficou de adiantar não sei como ficou só sei que Suave se despediu de mim do Cara foi embora permanecendo a alegria na casa de tarde veio o Doutor falou em exames tratamento Porto Belo dois dias depois estava tudo mudado voltou Suave o Cara deu ordens para Provisório veio o carro embarcamos Suave e eu no banco de trás os outros dois na frente parada no supermercado compras compras lataria frutas arroz feijão macarrão lingüiça carne legumes verduras doces leite café pão margarina nada de álcool música durante toda a viagem chegada a uma casinha na beira da estrada muito simpática Suave leu uma placa

— casinha da Didi

entramos um quarto para o Cara com cama grande outro para Suave e Provisório eu na saleta de entrada com minha almofada que traziam sempre podendo passear pelo jardim bem menor que os páteos de Bom Abrigo grande silêncio interrompido apenas pela rara passagem de carros na estrada o Cara escrevendo na saleta os dois na praia depois se revezaram na cozinha abrindo latas fazendo arroz feijão macarrão carne moida saladas o Cara tinha horror de lavar a louça os dois limpavam tudo de noite vinham para minha sala ligavam um quadrado luminoso homens mulheres falando cantando eu dormia com aquele som gostoso de manhã o Cara saia comigo para a maldita praia visitar a Senhora de cabelos brancos

— o pessoal está indo todo embora gosto de todos mas é melhor quando não tem ninguém a gente pode ver em paz o crepúsculo tão lindo de Porto Belo

falava com voz pausada macia como se pensando ou falando para ela mesma depois ficava triste lembrava "minha mãe" "meu pai" todos os que tinham morrido eu ficava escondida debaixo da mesa da varanda com medo do mar a Senhora falando no tempo em que escrevia para jornais revistas tinha um programa de rádio na estação de Itajaí saudades do passado pegava um caderno usado lia lia coisas bonitas contando de amor pássaros passando flores mas esse tempo durou pouco porque o Provisório precisava resolver uns problemas disse que voltava dali a dois dias não voltou o Cara também precisava voltar a Bom Abrigo então foi descoberto que Provisório não pretendia voltar mesmo roubou cheques do Cara falsificou passou adiante o Cara conseguiu recuperar ficou muito decepcionado com o abuso

— não se pode confiar em ninguém

Eu feliz da vida com a fuga de Provisório o lugar de motorista seria ocupado por Suave agora barbeado limpo cheiroso com a cara mais triste que da outra vez reclamando sempre

— esta vida é uma merda não dá nada certo comigo

Harry Laus